

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
DEPARTAMENTO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS



21/2002

CONSULTA SOBRE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO NA ESCOLA

RELATÓRIO TÉCNICO FINAL

Maria Malta Campos

Assessoria, análise dos dados e redação do relatório

Iniciativa e apoio: **Campanha Nacional pelo Direito à Educação**

2002

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

DIRETORIA

Rubens Murillo Marques
Diretor-Presidente

Gerhard Malnic
Diretor Vice-Presidente

Nelson Fontana Margarido
Diretor Secretário Geral

Catharina Maria Wilma Brandi
Diretora Secretária

Carlos Eugênio de Carvalho Ferreira
Diretor Tesoureiro Geral

Eugênio Aquarone
Diretor Tesoureiro

DEPARTAMENTO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS

Bernardete Angelina Gatti
Coordenadora

CONSULTA SOBRE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO NA ESCOLA

RELATÓRIO TÉCNICO FINAL

Maria Malta Campos

Assessoria, análise dos dados e redação do relatório

Iniciativa e apoio: **Campanha Nacional pelo Direito à Educação**

Editoração

Isolina Rodriguez Rodriguez

Impresso na gráfica da Fundação Carlos Chagas
agosto - 2002

Elaboração da Ficha Catalográfica
Biblioteca Ana Maria Poppovic

C214c CAMPOS, Maria Malta.

Consulta sobre qualidade da educação na escola: relatório final
/ Maria Malta Campos. São Paulo : FCC/DPE, 2002.

51p. (Textos FCC, 21)

Inclui bibliografia

Iniciativa e apoio da Campanha Nacional pelo Direito à Educação.

1. Educação 2. Qualidade do Ensino 3. Campanha Nacional pelo
Direito à Educação 4. Escolas 5. Políticas Educacionais I. Título II. Série

CDU: 37.014.12

Iniciativa

Campanha Nacional pelo Direito à Educação

Apoio

Actionaid/Oxfam/Save the Children/Novib

Instituição responsável

Ação Educativa, São Paulo

Colaboração

Fundação Carlos Chagas

Equipe Coordenadora da Pesquisa

Nilton Bueno Fischer, Camilla Croso Silva, Carmen Lucia Bandeira,
Delma J. Silva, Nilda Stecanela Chiaradia, Maria Malta Campos

Coordenação em Pernambuco

Centro de Cultura Luiz Freire

Equipe de Pesquisa: Carmen Lucia Bandeira, Delma J. Silva, Rogério J. Barata,
Marta Azevedo, Doralice Rodrigues, Tânia Bazante, Celane Camarão

Coordenação no Rio Grande do Sul

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Equipe de Pesquisa: Nilton Bueno Fischer, Nilda Stecanela Chiaradia, Luciana Taís
Moreira, Maria Beatriz Pauperio Tilton, Jussemar Weiss Gonçalves, Nara Ramos
e Tânia Regina Raitz

Assessoria, análise dos dados e redação do relatório técnico final

Maria Malta Campos

Tratamento estatístico

Miriam Bizzocchi

Escolas que participaram da pesquisa

Em Pernambuco: Escolas Municipais Henfil e Pedro Augusto, Escolas Estaduais Padre João Barbosa e Ginásio Pernambucano, Colégio Radier, de Recife; Escolas Municipais Maria de Fátima e Paudalho, Escolas Estaduais Tancredo Neves e Confederação do Equador, Colégio Salesiano, de Paudalho e Carpina.

No Rio Grande do Sul: Escola Municipal Gilberto Jorge, Escolas Estaduais Alvarenga Peixoto, Odila Gay da Fonseca e Cândido José de Godói, Colégio Santa Teresa de Jesus, de Porto Alegre; Escola Cenecista Bom Pastor, de Nova Petrópolis; Escola Municipal Machado de Assis e Instituto Estadual de Educação Cristóvão de Mendonza, de Caxias do Sul; Escola Municipal Cidade do Rio Grande, de Rio Grande; Escolas Estaduais Paulo Freire e Cilon Rosa, de Santa Maria.

Agradecimentos

Vera Masagão Ribeiro, Marialva Rossi Tavares, Heloisa Padula

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO.....	8
1. A PESQUISA.....	9
2. PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	11
2.1. Faixa etária.....	12
2.2. Cor.....	12
2.3. Escolaridade.....	13
2.4. Renda.....	14
2.5. Religião.....	15
3. OS CRITÉRIOS DE QUALIDADE.....	15
3.1. Diferenças entre os resultados obtidos em cada estado.....	16
3.2. Diferenças entre os três grupos de entrevistados.....	17
3.3. Os três itens considerados mais importantes e sugestões no item “outros”.....	19
4. AS CONCEPÇÕES DE QUALIDADE.....	20
4.1. Tipos de concepção de qualidade registrados no Rio Grande do Sul.....	21
4.2. Tipos de concepção de qualidade registrados em Pernambuco.....	23
5. A ESCOLA DOS SONHOS.....	26
6. SATISFAÇÃO NO TRABALHO.....	28
7. SATISFAÇÃO DO ALUNO.....	29
8. ENVOLVIMENTO DOS PAIS COM A ESCOLA.....	30
8.1. Rio Grande do Sul.....	31
8.2. Pernambuco.....	32
9. PROPOSTAS DAS EQUIPES ESCOLARES PARA MUDANÇAS NA ESCOLA.....	34
9.1. Rio Grande do Sul.....	34
9.2. Pernambuco.....	37
10. O DIA EM QUE OS ALUNOS SE SENTIRAM MAIS FELIZES NA ESCOLA....	39
10.1 Rio Grande do Sul.....	39
10.2 Pernambuco.....	41
11. O QUE OS ENTREVISTADOS SENTEM NECESSIDADE OU VONTADE DE APRENDER.....	44
COMENTÁRIOS FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49
ANEXOS.....	51

APRESENTAÇÃO

A consulta sobre qualidade na educação foi promovida pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação. Lançada em outubro de 1999, essa campanha visa a disseminar amplamente o conceito de educação enquanto direito social, focalizando a qualidade, o financiamento e a gestão democrática da educação, assim como a valorização de seus profissionais¹.

A pesquisa, realizada em escolas de ensino fundamental e médio dos estados de Pernambuco e Rio Grande do Sul, ouviu professores, diretores, funcionários, alunos, seus pais e responsáveis e pessoas da comunidade próxima à escola – crianças e adolescentes fora da escola, jovens, adultos e idosos – sobre suas concepções a respeito da qualidade da educação.

Seus objetivos foram: 1) acolher os pontos de vista de pessoas que geralmente estão excluídas do debate sobre políticas e práticas educacionais; 2) levar as pessoas a refletir sobre a qualidade da educação na escola; 3) construir um conceito mais humanista e abrangente sobre qualidade; 4) chegar a uma síntese final que possa ser amplamente disseminada de modo a apoiar as demandas sociais por qualidade em educação; 5) subsidiar a Campanha Nacional pelo Direito à Educação.

O questionário incluiu perguntas abertas e listagens de diferentes critérios de qualidade sobre os quais os consultados opinaram. Também foram incluídas questões sobre a satisfação no trabalho dos profissionais da escola, a satisfação dos alunos, as expectativas educacionais dos entrevistados, entre outras.

O trabalho de campo, realizado no final de 2000, foi planejado e executado por equipes dos dois estados: em Pernambuco, no Centro de Cultura Luiz Freire, de Olinda, e em Porto Alegre, no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A Ação Educativa, em São Paulo, foi a instituição responsável pela coordenação geral do trabalho. A análise estatística e a interpretação dos dados coletados contou com a colaboração do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, de São Paulo.

A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO

O tema da pesquisa constitui hoje uma questão que diz diretamente respeito ao direito à educação. Com efeito, além de se garantir o acesso de todos à escolaridade básica, é preciso questionar qual a educação que se almeja para a construção de uma sociedade mais democrática e solidária e se a escola que chega até os diversos segmentos sociais responde às exigências contemporâneas de aprendizagem e respeita o direito de alunos e profissionais da educação de se desenvolverem enquanto seres humanos.

A consulta baseia-se no pressuposto de que essa qualidade deve ser construída por aqueles diretamente envolvidos na escola e no seu entorno. Para isso, foi desenhada não apenas com o objetivo de colher dados sobre as percepções existentes a respeito da qualidade da educação, mas principalmente visando a contribuir para uma reflexão sobre esse tema no âmbito das escolas, dos bairros onde estão inseridas e dos grupos que lutam por uma melhor educação para todos.

¹ A Campanha é dirigida por representantes da Ação Educativa, Centro de Cultura Luiz Freire, Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação – CNTE, Observatório da Cidadania/Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – IBASE, Centro de Criação de Imagem Popular – CECIP e Actionaid.

Assim, a pesquisa abrangeu aspectos do funcionamento escolar que geralmente são colocados em segundo plano pelos levantamentos oficiais de grande escala, muito mais preocupados com a medida dos resultados de aprendizagem dos alunos. Esses resultados, evidentemente, são importantes e devem ser acompanhados. Porém, sem considerá-los como parte de processos dinâmicos, situados em determinados contextos e tempos históricos, vividos por protagonistas com identidades diversas – quanto a classe social, gênero, raça/etnia, idade, região, tipo de inserção na escola e no bairro – os resultados de aprendizagem, isoladamente, não permitem uma avaliação abrangente da qualidade da educação nas escolas.

A qualidade da educação não pode ser avaliada sem que se considere a cultura da escola, seu ambiente de interações, onde “se faz muito mais do que produzir aprendizagens” (Thurler, 1998). O ambiente físico e humano no qual acontecem os processos pedagógicos é formador de atitudes e comportamentos, assim como determina a maneira pela qual todos os envolvidos – estudantes, profissionais, familiares – constroem seu conhecimento.

Além do mais, essa qualidade pode ser avaliada a partir de uma diversidade de perspectivas, admitindo definições que são sempre relativas e provisórias, sujeitas a controvérsias e passíveis de negociação (Dahlberg, Moss e Pence, 2000).

A consulta adotou uma perspectiva abrangente sobre as necessidades básicas de aprendizagem, procurando focalizar o contexto em que ela se dá, captando as vozes dos adultos, crianças e adolescentes que convivem na escola e fora dela. Os dados sobre as escolas foram assim filtrados por essa vivência e essas sensibilidades. A análise procurou captar essa maneira pela qual os sujeitos da vida escolar e as pessoas próximas à escola entendem e pensam a qualidade da educação.

1. A PESQUISA

O planejamento da pesquisa contou com a contribuição de representantes das duas equipes locais, da coordenação sediada na Ação Educativa e da assessoria. Foi realizada por meio de reuniões periódicas em São Paulo, reuniões com as equipes locais em Olinda e Porto Alegre e por meio de comunicação intensa a distância. Durante o período de planejamento foi lida e discutida uma bibliografia sobre qualidade da educação que subsidiou a elaboração dos questionários.

Os questionários e as fichas de identificação dos entrevistados foram pré-testados em cada estado e aperfeiçoados com base nas críticas e sugestões das equipes locais.

Em cada estado, as equipes selecionaram onze escolas, contemplando uma gama de situações: escolas municipais, estaduais e particulares; urbanas e rurais; nas zonas centrais e periféricas da cidade. As escolas foram selecionadas levando em conta o conhecimento dos pesquisadores sobre as cidades, os bairros e as escolas, sua inserção no sistema de ensino e os contatos que pudessem favorecer a adesão das equipes escolares à realização da pesquisa. Certos entrevistadores já haviam trabalhado ou estavam trabalhando em algumas das escolas.

Nas escolas procurou-se entrevistar alunos matriculados nas quartas e oitavas séries do ensino fundamental e nas terceiras séries do ensino médio, contemplando igualmente meninos e meninas. Os professores foram selecionados de forma a incluir dois da quarta série, quatro da oitava e quatro da terceira série do ensino médio, que lecionavam diferentes matérias e procurando incluir professores homens e mulheres. Foram também entrevistados o diretor ou diretora e três funcionários. Os entrevistados de

fora da escola foram: duas crianças e dois adolescentes que não estavam estudando; dois jovens, dois adultos e duas pessoas idosas.

Devido a condições específicas encontradas em algumas escolas, redes de ensino e comunidades nos dois estados, alguns segmentos de entrevistados ficaram mais representados que outros, pois nem todos os pesquisadores puderam completar o número previsto em todas as escolas. Muitas escolas não oferecem o ensino médio e, nesses casos, uma escola próxima de ensino médio foi incluída na pesquisa. Também ocorreram algumas situações em que as pessoas da comunidade que responderam ao questionário não correspondiam à população atendida pela escola, por exemplo em algumas escolas públicas e particulares cujos alunos não moravam perto das escolas. Em muitas escolas e comunidades não foram entrevistados somente alunos dos cursos regulares, mas também aqueles matriculados na educação de jovens e adultos.

As equipes receberam uma preparação para o trabalho de campo, com roteiros e instruções por escrito. Durante o trabalho de campo, identificaram-se com uma camiseta da Campanha Nacional pelo Direito à Educação e uma carta de apresentação; distribuíram material de divulgação da campanha e se comprometeram a devolver os resultados da consulta às escolas pesquisadas.

A pesquisa de campo foi realizada no final do ano de 2000. Durante o primeiro semestre de 2001, as equipes locais organizaram e codificaram os dados, transcreveram e digitaram as respostas abertas e um primeiro processamento dos dados dos dois estados, com o programa de computador *SPSS*, foi realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Posteriormente, esses arquivos e as respostas abertas foram enviadas a São Paulo, para a Fundação Carlos Chagas, onde foram objeto de outras análises, também com o uso do programa *SPSS*.

Uma parte das respostas às perguntas abertas, que previam um espaço no questionário para o entrevistado se manifestar com suas próprias palavras, foi digitada, codificada e analisada com a ajuda do programa (*softer*) *Alceste*. O *Alceste* é um programa de análise de conteúdo desenvolvido por uma equipe francesa, que utiliza um sistema de análise estatística de dados textuais, visando a “descobrir a informação essencial contida em um texto” (Image, 1998, p.3). A versão utilizada é uma adaptação para a língua portuguesa da versão 4.0 para *Windows*.

Alguns conjuntos de respostas a questões abertas foram descritos e interpretados com a ajuda de categorias criadas após uma análise qualitativa das respostas.

De forma geral, esses resultados são apresentados de maneira a permitir uma comparação entre os dois estados, que possuem, cada um, a sua própria realidade e identidade cultural, social e educacional. Embora as amostras não tenham sido construídas a partir de um critério probabilístico, ou seja, não possuam uma representatividade no sentido estatístico, refletem as diferentes histórias e condições presentes dos sistemas educacionais de cada estado.

Os resultados parciais da análise foram sendo encaminhados por *e-mail* às equipes locais, recebendo críticas, sugestões e comentários, os quais foram incorporados ao longo do texto preparado em São Paulo.

As equipes de pesquisa dos dois estados prepararam, também, relatórios individualizados por escola e, na medida do possível, divulgaram esses resultados junto às escolas visitadas durante a pesquisa de campo. Essas análises foram realizadas em separado da análise geral que é apresentada neste relatório

A experiência vivida pelos entrevistadores em campo foi registrada por meio de diários de campo, fotos e vídeos. Esse material, por si só, constitui uma fonte rica de dados, mostrando como as pessoas de dentro e fora da escola valorizaram essa oportunidade de refletir e se expressar sobre a qualidade da educação. Em alguns casos,

professores e funcionários constataram que esse tema não costuma ser abordado em suas escolas e manifestaram seu interesse em aprofundá-lo.

2. PERFIL DOS ENTREVISTADOS

De um total de 626 pessoas entrevistadas, 287 são do estado de Pernambuco e 339 do Rio Grande do Sul. A tabela 1 mostra a distribuição das duas amostras pelas 22 escolas e comunidades adjacentes. Para o Rio Grande do Sul, estão assinaladas as escolas cujos alunos e professores entrevistados eram exclusivamente do ensino médio; para Pernambuco, aquelas exclusivamente de ensino fundamental. A numeração é a mesma adotada na análise das respostas abertas, relatada mais adiante.

Tabela 1

Distribuição dos Entrevistados por Escola Segundo o Estado de Origem

Estado	Escola	Rede	Município	Localização/ Nível de ensino	n	%
RS	1	Particular	Porto Alegre	Urbana	48	14,2
	2	Estadual	Porto Alegre	Urbana	36.....	10,6
	3	Particular	Nova Petrópolis	Rural/Técnica	46.....	13,6
	4	Municipal	Rio Grande	Urbana	50	14,7
	5	Municipal	Porto Alegre	Urbana	34.....	10,0
	6	Municipal	Caxias do Sul	Urbana	35	10,3
	7	Estadual	Santa Maria	Urbana	37	10,9
	8	Estadual	Porto Alegre	Urbana/E.Médio	13.....	3,8
	9	Estadual	Porto Alegre	Urbana/E.Médio	14	4,1
	10	Estadual	Caxias do Sul	Urbana/E.Médio	13	3,8
	11	Estadual	Santa Maria	Urbana/E.Médio	13	3,8
Subtotal					339	100%
PE	1	Particular	Carpina	Urbana	32	11,1
	2	Municipal	Recife	Urbana	26	9,1
	3	Municipal	Recife	Urbana/E.Fund.	13	4,5
	4	Estadual	Paudalho	Urbana	37	12,9
	5	Particular	Recife	Urbana	35	12,2
	6	Municipal	Paudalho	Rural	41	14,3
	7	Municipal	Paudalho	Urbana	27	9,4
	8	Municipal	Paudalho	Urbana	18	6,3
	9	Estadual	Recife	Urbana	29	10,1
	10	Estadual	Recife	Urbana/E.Fund.	16	5,6
		Comunidade			13	4,5
Subtotal					287	100%
Total					626	

Os diversos segmentos entrevistados foram agrupados em três categorias de entrevistados, para simplificar a descrição dos dados: 1. alunos; 2. professores, diretores e funcionários; 3. outros, que são as pessoas de fora da escola – pais ou responsáveis, crianças e adolescentes sem estudar, jovens, adultos e idosos. Em alguns casos, os funcionários foram deslocados para a categoria outros, quando a característica analisada assim o recomendava.

2.1. Faixa etária

A amplitude da faixa etária dos alunos da amostra parece ser alta: em Pernambuco, 13% deles tem mais de 21 anos. Isso indica que jovens que já poderiam estar cursando o ensino superior ou profissional ainda estão retidos no ensino fundamental e médio.

Professores, diretores e funcionários no Rio Grande do Sul tendem a ser mais velhos do que em Pernambuco: 54,9% no Rio Grande do Sul tem mais de 40 anos de idade, em comparação com 33,9% em Pernambuco. Essa é uma característica interessante, que pode ter reflexos na dinâmica das equipes escolares. Quando se considera apenas os grupos de professores e diretores, sem os funcionários, essa diferença é ainda maior.

Os entrevistados do sul agrupados em “outros” incluem uma porcentagem maior de adolescentes e jovens com menos de 20 anos: 19% contra 7,9% em Pernambuco.

Tabela 2

**Distribuição Percentual dos Entrevistados por Faixa Etária
Segundo o Estado e a Categoria**

IDADE	PE			RS		
	alunos	prof/dir/fun	outros	alunos	prof/dir/fun	outros
até 20	87,0	0,9	7,9	98,8	–	19,0
21 a 40	12,0	64,2	33,7	1,2	45,1	34,0
41 e +	1,1	33,9	58,5	–	54,9	47,1
Totais (100%)	92	106*	89	84	102	153

* Um sujeito sem informação.

2.2. Cor²

A ficha de identificação preenchida junto com o questionário contava com a seguinte questão: “Como você/o senhor/a senhora se identifica quanto à cor e descendência?”

Apesar das dificuldades conhecidas no tratamento dessa informação, a consulta decidiu incluir essa questão na ficha, por acreditar na importância desse dado para a caracterização da amostra.

Os relatórios elaborados pelos entrevistadores do sul incluem observações sobre algumas dificuldades encontradas com essa pergunta. Diz uma entrevistadora: “Essa questão foi, a meu ver, a mais conflituosa de todas”. Em alguns casos, o verbo “identifica” levou a uma compreensão de que se indagava sobre como o entrevistado se sentia em relação à sua cor, o que constrangia alguns deles. Outra entrevistadora assim descreveu uma situação que enfrentou: “Uma criança preta (14 anos), da comunidade entrevistada, ficou um tempo calada sem responder, estava envergonhada, só depois de insistirmos respondeu”.

² Decidiu-se pelo uso da palavra “cor” pelo fato das equipes locais considerarem que outras expressões, tais como pertinência racial ou étnica, ainda não são familiares à população consultada. No relatório, foi conservada a denominação utilizada em campo.

Em Pernambuco, a questão da discriminação racial foi colocada por alguns como critério de qualidade da escola: um aluno disse que determinada escola era boa porque não o discriminava por ser negro. Outros entrevistados de diferentes segmentos mencionaram o racismo ao responder sobre diversas questões. No sul houve também referência a esse aspecto, mas sem a mesma ênfase com que surgiu em Pernambuco.

As respostas foram anotadas e classificadas segundo as categorias do IBGE: branca, preta, parda, amarela e indígena.

Tabela 3

Distribuição Porcentual dos Entrevistados por Cor Segundo o Estado e a Categoria

COR	PE			RS		
	alunos	prof./dir./fun.	outros	alunos	prof./dir./fun.	outros
branca	39,1	35,8	34,8	76,2	79,4	60,8
preta	28,3	35,8	44,9	15,5	11,8	23,5
parda	31,5	25,5	20,2	8,3	4,9	15,0
amarela	–	0,9	–	–	2,9	0,7
indígena	1,1	1,9	–	–	1,0	–
Totais (100%)	92	106	89	84	102	153

A distribuição dos entrevistados por cor parece refletir as características das populações desses estados. Pretos e pardos somados correspondem a 62% do total de entrevistados em Pernambuco e a 28% daqueles do Rio Grande do Sul, uma diferença grande.

Tanto as equipes escolares, como os entrevistados de fora da escola acompanham de perto essas tendências. Quando os funcionários são agrupados em “outros”, sobe ligeiramente a proporção de professores e diretores “brancos” nos dois estados.

De qualquer forma, é bastante interessante observar que o perfil das equipes das escolas, em cada um dos estados, não é muito diferente do perfil de seu alunado, quando se considera a cor. Ainda que as amostras em cada escola não sejam representativas (não foram selecionadas aleatoriamente), esse é um dado que contraria algumas percepções sobre as escolas, no sentido de que as equipes escolares possuíam um perfil muito diferente da população atendida. Seria importante que esse fato fosse objeto de reflexão nas escolas, pois pode ser significativo para um trabalho que procure respeitar a diversidade de pertinência racial e identidade étnica daqueles que ali convivem.

2.3. Escolaridade

Não se observam grandes diferenças entre a escolaridade dos entrevistados dos dois estados. A maioria dos professores e diretores (quase 90%) conta com nível superior de escolaridade. Na categoria “outros”, que no caso inclui os funcionários das escolas, a maior parte dos sujeitos aparece com o nível fundamental incompleto: 47,5% em Pernambuco e 58,6% no Rio Grande do Sul. Apenas 17,8% dos gaúchos e 10,9% dos pernambucanos incluídos na categoria “outros” completou o ensino médio.

A escolaridade dos alunos reflete o grau de ensino no qual estão matriculados, observando-se uma pequena diferença entre as amostras dos dois estados, sendo que os alunos de Pernambuco encontram-se proporcionalmente mais representados no ensino médio: 34,8% contra 28,6% dos gaúchos.

A formação escolar informada pelos pais e responsáveis entrevistados revela a mesma tendência da amostra de Pernambuco contar com um nível de escolaridade ligeiramente superior ao da amostra do sul: 21,3% dos pais ou responsáveis de Pernambuco dizem ter completado o ensino médio, em comparação com 13,1% daqueles do sul.

Essas diferenças provavelmente refletem os critérios adotados em cada estado para seleção das escolas e dos entrevistados, pois os dados não coincidem com a distribuição das respectivas populações por nível de escolaridade.

2.4. Renda

A pergunta que constava da ficha de identificação do entrevistado era: “O que você/o senhor/a senhora recebe por mês situa-se em qual das seguintes faixas: ...”, estando listadas cinco faixas salariais. No caso dos alunos e para as crianças e adolescentes fora da escola perguntava-se: “Você sabe informar quanto seu pai (ou mãe/responsável, se não morar com o pai) ganha por mês?”, sendo listadas as mesmas cinco faixas. Assim, as respostas referem-se ao que cada um ganha, ou, no caso das crianças, ao que o chefe da família ganha por mês.

Tabela 4

**Distribuição Porcentual dos Entrevistados por Faixas de Renda Mensal
Segundo o Estado e a Categoria**

RENDA	PE			RS		
	alunos	prof./dir.	func. e outros	alunos	prof./dir.	func. e outros
sem renda	1,1	–	30,5	–	1,2	20,7
até 1 SM	23,6	–	22,0	17,9	–	18,4
1 a 2 SM	13,5	14,3	22,0	21,4	4,9	16,7
2 a 5 SM	25,8	46,8	11,0	22,6	23,5	25,9
5 a 10 SM	10,1	33,8	5,9	15,5	40,7	9,8
+ de 10 SM	6,7	5,2	8,5	8,3	29,6	5,7
não sabe	19,1	–	–	14,3	–	2,9
Totais	89	77	118	84	81	174

A distribuição dos entrevistados por faixas de renda revela, em primeiro lugar, que os segmentos que se situam nas faixas salariais mais altas, nessas comunidades, são os professores e diretores. Dentre eles, os gaúchos recebem mais do que os pernambucanos: 29,6% situam-se na faixa de mais de 10 salários mínimos, em comparação com 5,2% dos pernambucanos; 40,7% no sul, contra 33,8% no nordeste foram classificados na faixa entre 5 e 10 salários mínimos.

Os pais e responsáveis dos alunos estão distribuídos de forma semelhante pelas faixas de renda, nos dois estados, um quarto deles concentrando-se na faixa entre 2 e 5 salários mínimos.

Na categoria “outros”, na qual estão agrupados os funcionários das escolas, a amostra do Rio Grande do Sul apresentou porcentagens mais altas nas faixas de renda superiores: 41,4% situou-se nas faixas de mais de 2 salários mínimos, em comparação com 25,4% em Pernambuco. Ressaltam as altas porcentagens dos que foram classificados como “sem renda”: 30,5% em Pernambuco e 20,7% no Rio Grande do Sul.

Quando os funcionários são desagregados dessa categoria, observa-se que os funcionários das escolas do Rio Grande do Sul, assim como os professores e diretores, ganham melhor do que seus colegas de Pernambuco.

2.5. Religião

Os dados sobre a religião dos entrevistados não foram desagregados pelos diversos segmentos. Nas duas amostras predominam os católicos: 62,7% em Pernambuco e 59,9% no Rio Grande do Sul. Em seguida estão os evangélicos: 19,5% em Pernambuco e 15,9% no Rio Grande do Sul. A surpresa fica por conta dos que declararam seguir uma religião afro-brasileira: nenhum em Pernambuco e quatro entrevistados no Rio Grande do Sul! As demais – espírita, protestante e outra – obtiveram porcentagens muito baixas nos dois estados, com a exceção dos 20 espíritas gaúchos, que correspondem a 5,9% da amostra desse estado.

Tabela 5

Distribuição dos Entrevistados por Religião Segundo o Estado

RELIGIÃO	PE		RS	
	n	%	n	%
protestante	5	1,7	2	0,6
católica	180	62,7	203	59,9
evangélica	56	19,5	54	15,9
espírita	5	1,7	20	5,9
afro-brasileira	–	–	4	1,2
outra	5	1,7	5	1,5
nenhuma	36	12,5	51	15,0
Totais	287	100%	339	100%

3. OS CRITÉRIOS DE QUALIDADE

As opiniões dos entrevistados sobre a qualidade da educação na escola foram captadas a partir de suas respostas a uma listagem de critérios sobre os quais eles deveriam opinar quanto ao grau de importância.

As questões estavam assim formuladas: “Você acha que uma boa escola é aquela que:...” , seguindo-se 23 quesitos mencionando diferentes atributos de qualidade, cada um

deles com as opções “Importante”, “Mais ou menos importante”, “Pouco importante” e “Não sabe”. Além das 23 características de qualidade, o entrevistado podia sugerir “outra”, que corresponde ao quesito 24. Em seguida, o roteiro pedia ao entrevistado que citasse quais os três critérios de qualidade que ele considerava mais importantes.

3.1. Diferenças entre os resultados obtidos em cada estado

Neste item serão comentados os resultados gerais segundo o estado. Em primeiro lugar, nota-se uma tendência geral à concordância, com porcentagens altas – acima de 80% – de respostas na alternativa “Importante” na maioria dos quesitos.

A característica sugerida que obteve o menor apoio nos dois estados foi justamente aquela que estava em primeiro lugar no questionário – “é perto de casa” – tendo alcançado as porcentagens de 48,8% e 47,5% na alternativa “Importante”, em Pernambuco e Rio Grande do Sul, respectivamente. No item “oferece atividades fora do horário de aulas”, 71,1% dos pernambucanos e 67,3% dos gaúchos assinalaram a alternativa “Importante”.

Em dois itens foram encontradas diferenças um pouco maiores entre as respostas dos dois estados. O primeiro foi “a merenda é boa e nunca falta”, em que 82,9% dos entrevistados de Pernambuco escolheram a alternativa “Importante”, em comparação com 68,1% dos gaúchos, o que é consistente com a tendência verificada nas respostas abertas, nas quais os pernambucanos mencionaram a merenda de forma mais significativa. O segundo foi “prepara alunos e alunas para cursar uma faculdade”, no qual, em comparação com 92,3% dos pernambucanos, uma menor porcentagem dos entrevistados do Rio Grande do Sul escolheu a alternativa “Importante”, 78,8%.

Outros itens, além dos já comentados, provocaram algumas diferenças entre as respostas dos entrevistados nos dois estados, embora sempre apresentando altas taxas de concordância. Uma diferença de 10 pontos percentuais foi encontrada no item “contempla a diversidade cultural”, em que 93,0% dos pernambucanos, em comparação com 83,2% dos gaúchos escolheram a alternativa “Importante”. Com efeito, a equipe de campo de Pernambuco relatou que a necessidade de se respeitar a identidade dos alunos negros e de evitar a discriminação surgiu com força em muitas situações de entrevista.

Tabela 6

Número e Porcentagem de Respostas “Importante” aos Quesitos da Pergunta “Uma boa escola é aquela que...”, Segundo o Estado

QUESITOS	PE		RS	
	n	%	n	%
1. é perto de casa	140	48,8	161	47,5
2. prédio limpo e bem cuidado	280	97,6	304	89,7
3. merenda é boa e nunca falta	238	82,9	231	68,1
4. biblioteca, laboratórios, computadores	278	96,9	331	97,6
5. atividades de esporte e arte	258	89,9	307	90,6
6. atividades fora do horário de aulas	204	71,1	228	67,3
7. exige disciplina	259	90,2	300	88,5
8. exige aproveitamento para aprovar	265	92,3	293	86,4
9. paga bem professores e funcionários	268	93,4	339	85,5
10. propicia formação em serviço	271	94,4	303	89,4
11. trabalho em equipe dos profissionais	265	92,3	305	90,0
12. não superlota salas de aula	254	88,5	288	85,0
13. participação das famílias	258	89,9	297	87,6
14. alunos/as gostam de aprender	285	99,3	331	97,6
15. estimula cooperação entre alunos	272	94,8	321	94,7
16. iniciativas dos alunos (grêmios, etc.)	266	92,7	290	85,5
17. alunos bem tratados não importando sua condição de cor ou social	285	99,3	327	96,5
18. reconhece a realidade do aluno que trabalha	269	93,7	305	90,0
19. contempla diversidade cultural	267	93,0	282	83,2
20. prepara alunos/as para o trabalho	274	95,5	311	91,7
21. prepara alunos/as para cidadania	280	97,6	314	92,6
22. prepara alunos/as para faculdade	265	92,3	267	78,8
23. bom projeto pedagógico	279	97,2	301	88,8
Totais	287	100%	339	100%

3.2. Diferenças entre os três grupos de entrevistados

A tabulação realizada no programa SPSS separou três grupos de segmentos de respondentes: 1) alunos; 2) professores, diretores e funcionários (equipe da escola); 3) outros entrevistados.

Tabela 7

Porcentagem de Respostas “Importante” aos Quesitos da Pergunta “Uma Boa Escola é Aquela que...”, Segundo o Estado e os Segmentos Entrevistados

QUESITOS	ALUNOS		EQUIPE		OUTROS	
	PE	RS	PE	RS	PE	RS
1. é perto de casa	34,8	28,6	51,9	44,1	59,6	60,1
2. prédio limpo e bem cuidado	96,7	82,1	98,1	89,2	97,8	94,1
3. merenda é boa e nunca falta	80,4	45,2	87,7	75,5	79,8	75,8
4. biblioteca, laboratórios, computadores	98,9	96,4	96,2	95,1	95,5	100
5. atividades de esporte e arte	85,9	79,8	90,6	96,1	93,3	92,8
6. atividades fora do horário de aulas	59,8	48,8	80,2	72,5	71,9	73,9
7. exige disciplina	88,0	81,0	87,7	87,3	95,5	93,5
8. exige aproveitamento para aprovar	92,4	82,1	86,8	78,4	98,9	94,1
9. paga bem professores e funcionários	90,2	75,0	94,3	89,2	95,5	88,9
10. propicia formação em serviço	91,3	79,8	98,1	96,1	93,3	90,2
11. trabalho em equipe dos profissionais	87,0	77,4	96,2	96,1	93,3	92,8
12. não superlota salas de aula	81,5	75,2	93,4	91,2	89,9	88,9
13. participação das famílias	85,9	70,2	93,4	93,1	89,9	93,5
14. alunos/as gostam de aprender	100	94,0	99,1	100	98,9	98,0
15. estimula cooperação entre alunos	95,7	86,9	96,2	99,0	92,1	96,1
16. iniciativas dos alunos (grêmios, etc.)	89,1	79,8	96,2	91,2	92,1	85,0
17. alunos bem tratados não importando sua condição de cor ou social	100	91,7	98,1	99,0	100	97,4
18. reconhece a realidade do aluno que trabalha	92,4	84,5	91,5	91,2	97,8	92,2
19. contempla diversidade cultural	92,4	78,6	95,3	92,2	91,0	79,7
20. prepara alunos/as para o trabalho	100	92,9	89,6	87,3	97,8	94,1
21. prepara alunos/as para cidadania	95,7	88,1	100	98,0	96,6	91,5
22. prepara alunos/as para faculdade	96,7	91,7	84,0	52,0	97,8	89,5
23. bom projeto pedagógico	97,8	83,3	97,2	92,2	96,6	89,5
Totais	92	84	106	102	89	153

O fato de a escola ser perto de casa foi considerado mais importante por entrevistados na categoria “outros”, o que talvez indique o peso das respostas dos pais ou responsáveis nesse aspecto.

No caso da merenda, as respostas que mais discrepam são aquelas dos alunos gaúchos, os quais valorizam bem menos esse quesito, tendo apenas 45,2% assinalado a opção “Importante”. Em Pernambuco, 80,4% dos alunos escolheram a alternativa “Importante”, porcentagem quase duas vezes maior do que no Rio Grande do Sul. Essa diferença entre os dois estados, no que diz respeito à valorização da merenda, já havia sido registrada nos dados comentados nos itens anteriores.

Os alunos do Rio Grande do Sul são também aqueles que escolheram “Importante” em menor grau para as questões sobre salário, formação em serviço dos professores e funcionários e trabalho em equipe na escola: 75,0%, 79,8% e 77,4%, respectivamente, em comparação com porcentagens mais altas para todos os demais grupos.

A exigência de disciplina foi considerada mais importante pela categoria “outros” nos dois estados. Os alunos do Rio Grande do Sul foram os que menos valorizaram esse critério de qualidade.

Quanto à exigência de aproveitamento escolar para aprovar os alunos, os professores, diretores e funcionários do Rio Grande do Sul foram os que apresentaram a porcentagem menor de escolha da alternativa “Importante”: 78,4%. Nos dois estados, a categoria “outros”, onde os pais têm maior representatividade, apresentou um alto grau de adesão a esse critério. Essa diferença encontrada no sul talvez possa ser explicada pela maior difusão dos ciclos de aprendizagem, em substituição ao regime seriado, nesse estado. Note-se, entretanto, que as porcentagens de “Importante” são mesmo assim altas para todos.

Coerentemente, também foram as equipes escolares do Rio Grande do Sul que deram menor importância ao item “prepara alunos e alunas para cursar uma faculdade”: 52,0% somente optaram por “Importante” nesse aspecto, em comparação com 84,0% de seus colegas de Pernambuco e porcentagens acima de 89% nas demais categorias.

Os alunos de ambos os estados tendem a concordar menos com a importância das atividades fora do horário escolar do que as duas outras categorias de respondentes. Com menores diferenças, observa-se o mesmo no quesito “oferece atividades de esporte e arte”.

A participação das famílias é menos escolhida como “Importante” pelos alunos, especialmente pelos gaúchos, que apresentaram a porcentagem de 70,2% nessa alternativa, em comparação com 85,9% dos pernambucanos.

Outra diferença entre os alunos refere-se ao item “reconhece a realidade do estudante que trabalha”, em que 84,5% optaram por “Importante” no Rio Grande do Sul, contra 92,4% dos pernambucanos.

No item sobre diversidade cultural, é possível observar onde talvez tenha pesado mais a diferença comentada anteriormente entre os dois estados: os alunos e os entrevistados gaúchos agrupados em “outros” apresentaram porcentagens mais baixas de escolha de “Importante” nesse quesito e para nenhum entrevistado pernambucano registrou-se a resposta “não sabe”, o que ocorreu com certa frequência no Rio Grande do Sul. Esse dado pode indicar seja uma maior familiaridade da população pernambucana com esse tema, seja um procedimento diverso dos entrevistadores frente às dúvidas dos entrevistados nesse estado, em relação à conduta adotada no Rio Grande do Sul.

3.3. Os três itens considerados mais importantes e sugestões no item “outro”

De forma geral, houve uma grande dispersão das respostas entre os diversos itens. Somente em alguns é possível observar porcentagens acima de 10% em certas categorias de respondentes. As escolhas reafirmam as tendências identificadas acima nas respostas a cada quesito. A dispersão de escolhas reflete o fato de que a maioria dos quesitos foi muito valorizada por todos, tornando talvez um pouco aleatória para os entrevistados a escolha de três itens mais importantes, entre 23.

No primeiro item mais importante, os alunos dos dois estados escolheram preferencialmente as características “prédio limpo e bem cuidado” (19,6% em Pernambuco e 20,2% no Rio Grande do Sul), “biblioteca, laboratório e computador” (17,4% em Pernambuco e 33,3% no Rio Grande do Sul) e “exige disciplina” (14,1% em Pernambuco e 8,3% no Rio Grande do Sul).

Dentre os professores diretores e funcionários de Pernambuco 15,1% escolheram “exige disciplina” como o critério mais importante. Salário e formação do pessoal foram mais citados pelas equipes escolares do que por outros entrevistados.

No segundo item mais importante as respostas encontram-se ainda mais dispersas, mas há algumas exceções. A preparação para o exercício da cidadania e a vontade de

aprender são mais escolhidas por professores, diretores e funcionários dos dois estados em maior proporção do que os demais.

No caso do terceiro item escolhido como mais importante, surgem algumas concentrações relativamente altas de respostas em quatro itens. O bom projeto pedagógico aparece escolhido por 34,9% de professores, diretores e funcionários de Pernambuco e por 36,3% daqueles do Rio Grande do Sul. Esses profissionais também escolheram a preparação para a cidadania em maior proporção que os demais: 17,0% em Pernambuco e 25,5% no Rio Grande do Sul.

O questionário previa um item adicional, de número 24, para que os entrevistados sugerissem outros critérios de qualidade. Muitas respostas apenas citaram as mesmas características de outra forma, mas algumas sugerem novos aspectos, relacionados a seguir. Três entrevistados sugeriram cursos de costura, cabeleireira e crochê. Segurança e professores que não faltam foram mencionados por dois respondentes cada. Respostas isoladas sugeriram diversão para superar o tédio, abordagem do tema sexualidade, horário para alunos com dificuldades, respeito à diversidade individual, ensinar a mexer na terra, projeto antidroga e atividades nas férias.

4. AS CONCEPÇÕES DE QUALIDADE

A primeira pergunta do questionário era: “Uma escola de qualidade é...”, na qual se dava voz ao entrevistado para que expressasse livremente sua concepção sobre uma escola de qualidade. Essa pergunta foi feita em primeiro lugar, para que as questões seguintes, que ofereciam alternativas ao sujeito para que ele as classificasse por ordem de importância, não influenciassem a resposta a essa primeira questão aberta.

As respostas registradas pelos entrevistadores foram digitadas, codificadas e analisadas com a ajuda do programa informático (*softer*) Alceste. A aplicação do Alceste permite verificar associações e polaridades entre as palavras e expressões que estão presentes nas respostas. O programa separa trechos dos textos fornecidos em unidades de contexto elementares, utilizando critérios combinados que levam em conta o tipo de texto, a pontuação e o tamanho máximo em número de linhas. A análise estatística baseia-se na frequência com que as palavras aparecem nos textos. É realizada por etapas e o programa permite que o pesquisador explore mais detidamente suas hipóteses, manipulando os dados em sucessivas operações.

O programa identifica grupos de respostas, propondo uma espécie de tipologia; esses grupos são chamados de *classes*. Essas classes agrupam trechos de respostas que apresentam, ao mesmo tempo, vocabulário semelhante entre si e vocabulário diferente das outras classes (Camargo, no prelo). O programa seleciona, em cada classe, as palavras mais significativas, fornece exemplos de trechos de respostas que foram selecionados para aquelas classes, mostra como as diversas classes se relacionam entre si e fornece gráficos com o posicionamento das classes, entre outras informações.

É importante notar que esses tipos ou classes não correspondem necessariamente a entrevistados considerados separadamente, ou seja, a mesma resposta de um entrevistado pode ser classificada em mais de uma classe. Por exemplo, uma diretora de Pernambuco deu uma resposta bastante longa sobre o que seria uma escola de qualidade: trechos de sua resposta apareceram em duas classes diversas, pois um ligava-se à aprendizagem e formação e outro a aspectos relacionados à infra-estrutura escolar, como prédio, equipamentos, conservação.

4.1. Tipos de concepção de qualidade registrados no Rio Grande do Sul

Analisando as respostas obtidas em sete das escolas pesquisadas no Rio Grande do Sul (foram incluídas as escolas que forneceram um número mínimo de respostas para análise), o programa obteve seis classes. Com base nas palavras e nos exemplos de respostas presentes em cada classe, tendo como pano de fundo o conhecimento desse tema de pesquisa na literatura especializada, pode-se avançar as hipóteses interpretativas explicitadas a seguir. É importante frisar que nessa análise não foram utilizadas todas as informações e recursos de que o programa Alceste dispõe e oferece em seus relatórios de saída.

A classe 1 parece ser a mais complexa, sendo a que apresenta maiores dificuldades de interpretação. De forma aproximada, poderia ser identificada com frases que estabelecem alguma ligação entre a escola e a comunidade e/ou sociedade. Nas respostas incluídas, estão presentes preocupações com o ensino, a formação e o “pedagógico”, também existentes nas demais classes, mas isso aparece associado a expressões que remetem para a preparação para o futuro. São frases que aparecem correlacionadas positivamente com entrevistados adultos.

As palavras mais significativas são: trabalh+³, relac+, quest+, família, comunidade, instituição.

O trecho de resposta contendo essas palavras significativas selecionado pelo programa como o primeiro exemplo é o seguinte: “Principalmente visando a educação que ela quer⁴ devolver para a sociedade. Esse é um dos aspectos, o outro também importante, que ela saiba dentro de sua estrutura curricular trabalhar de forma articulada a questão dos conteúdos, uma relação, um método, para responder ao educando suas necessidades e devolver à comunidade” (professor/a de escola particular de Porto Alegre⁵). O segundo exemplo é: “Atender a necessidade da criança, porque o futuro para eles, a gente escolhe pela incapacidade de escolher, essas necessidades seriam a questão da didática, necessidades cognitivas, adjetivas e de recreação, cada um dentro da sua faixa” (pai/mãe de escola particular de Porto Alegre). Outro exemplo é: “Preparar além do vestibular, do trabalho, sair da escola para dar retorno à família, comunidade e para ele mesmo” (diretor/a de escola particular do interior).

Essa classe aparece, no diagrama fornecido pelo Alceste, como associada em primeiro lugar à classe 5, a qual, como se verá, traz como característica mais marcante a formação da pessoa.

A classe 2 agrupa palavras que se reportam a aspectos internos do funcionamento da escola, de organização, condições do prédio, qualificação dos funcionários, também mencionando o entendimento ou harmonia entre seus integrantes. Os aspectos que constam dos exemplos são organização, limpeza, “união dos funcionários pelos alunos”; são citados banheiro e cozinha, mas também “bom estudo”, “bom ensino” e “professores qualificados”. As palavras mais significativas são: funcionários, tivess+, organiz+.

Dois exemplos de trechos de respostas são: “É uma escola que tem bastante professores, bastante banheiros, tudo organizado, tudo limpo” (aluno/a de escola municipal do interior); e “Isso foi uma lição de vida para mim (...) escola limpa,

³ As raízes são os inícios de palavras indicadas com o sinal +. Por exemplo, nessa classe, trabalh+ desdobra-se em trabalham, trabalhar, trabalhe e trabalho.

⁴ As palavras sublinhadas são aquelas identificadas pelo programa como as mais significativas na classe, presentes no exemplo.

⁵ No material digitado no Rio Grande do Sul só é possível identificar os sujeitos por escola e segmento de entrevistados; não há identificação dessas respostas por sexo, idade ou ocupação dos sujeitos.

organizada, com uma boa cozinha. A união dos funcionários pelos alunos” (funcionário/a de escola municipal de Porto Alegre).

Essa classe aparece como associada mais diretamente à classe 3 e, secundariamente às classes 6 e 4.

Na classe 3 também aparecem menções aos recursos materiais da escola, com grau de significância alto para as palavras bon+, computador+, tenh+, recursos, professor+. “Bons professores” são bastante citados, ao lado de recursos materiais.

Algumas das frases selecionadas pelo programa são: “Que tenha professores atualizados, que tenha materiais e equipamentos adequados e atualizados como por exemplo computadores” (professor/a de escola particular do interior); “Bons professores, que tenha bons equipamentos, bibliotecas, laboratórios, computadores, que tenha harmonia, que não tenha diferenças entre ser aluno, professor e diretor” (aluno/a de escola particular de Porto Alegre); “É aquela que está sempre limpa e que os alunos não sujassem o pátio, que não tenha caco de vidro no chão” (aluno/a de escola municipal do interior). Há uma resposta que menciona, entre outros aspectos, teatro e esportes.

As associações encontradas relacionam essa classe com as classes 2 e 6 e também com a classe 4.

A classe 4 encontra-se associada à preocupação com o ensino, a instrução, os conteúdos e a preparação para o trabalho. Dentre as palavras significativas que surgem estão aprende+, passa+, gente, ensina+, sab+.

Como exemplos de frases que utilizam esse vocabulário aparecem: “O ensino é fundamental, educar, ensinar as crianças a estudar e escrever e ter comportamento” (pai/mãe de escola particular do interior); “É aquela que ensina bastante coisa para a gente aprender, para a gente arrumar emprego” (aluno/a de escola municipal do interior); “É aquela que tem bastante estudo onde as pessoas podem aprender bastante, escolhendo cursos como informática, medicina, engenharia” (aluno/a de escola particular do interior); “Sou contra o construtivismo por isso a favor do ensino tradicional, turno integral, educação física exercícios de ginástica e não futebol, ensino de idiomas, espanhol e inglês, ensino de informática, ensino profissionalizante optativo” (pai/mãe de escola particular de Porto Alegre).

Essa classe aparece relacionada com a classe 6, em conjunto com a 2 e a 3.

Em contraste com as anteriores, a classe 5 traz uma preocupação bastante nítida com a formação da pessoa, revelando uma concepção mais abrangente de educação. Dentre as palavras significativas muitas são bastante expressivas, no sentido apontado: pessoa+, desenvolv+, humano+, prepar+, soci+.

Nos exemplos são mencionados aspectos como cidadania, pluralidade cultural, ética, valores morais, convívio social, entre muitos outros, como mostram os trechos de respostas seguintes: “A escola não deve dar só o conhecimento, mas um embasamento na realização como pessoa, preparar para que ele possa ser um participante atuante e que possa enfrentar os desafios, as novas situações diante das mudanças velozes, tem que prepará-lo para o contexto que ele vai encontrar e responder por isso” (diretor/a de escola particular do interior); “Tratar mais o lado humano das pessoas”; “O acesso a pluralidade cultural sempre baseado na reflexão sobre valores e ética que priorizem a democracia e direitos humanos, equidade, igualdade, justiça social enfim, para construir uma cultura de paz” (diretor/a de escola municipal de Porto Alegre).

A associação mais forte dessa classe foi apontada com a classe 1, como já comentado.

Na classe 6, o tema nuclear parece ser o da participação e diálogo. As palavras identificadas como mais significativas são diálogo, pais, falt+, professor+, interesse+,

particip+. A palavra falta aparece com o sentido de faltas de professores ou de sentir falta de algo.

Como exemplos, surgem, entre outras, as seguintes frases: “Busco acompanhar a trajetória dos meus filhos na escola, por isso considero importante a abertura ao diálogo por parte dos professores” (escola estadual de Porto Alegre); “Professores interessados, buscam os alunos eu senti falta. E o carinho dos professores”; “O fundamental é o estudo, a participação, os professores, a integração dos professores com os alunos. Essa integração é o mais importante” (pai/mãe de escola municipal de Porto Alegre); “Deveria começar com professores de qualidade e que de preferência não faltem, colaboração dos alunos e pais, interesse de ambos nas apresentações do colégio” (aluno/a de escola municipal do interior); “Que tenha um bom ensino, que tenha substituição de professores na hora que faltam, compreendam o lado dos alunos, que abram para o diálogo quando os alunos não estão satisfeitos com o método” (aluno/a de escola particular de Porto Alegre).

A classe 6 relaciona-se mais fortemente com as classes 2 e 3, como já foi dito.

As classes identificadas na análise das respostas do Rio Grande do Sul correspondem a posições que já foram analisadas em outras pesquisas, principalmente nos estudos sobre relação família e escola, tanto na literatura norte americana como na européia (Nogueira, 1998). Ecoam também vozes e dados recolhidos por pesquisas brasileiras que ouviram segmentos da população atendida pela escola pública (PRODEMAN/UERJ, 1994).

As associações encontradas entre as classes são bastante interessantes, pois reforçam uma tipologia de atitudes e opiniões sobre a escola já identificadas nesses outros trabalhos. Há um conjunto de frases que configuram uma valorização daqueles aspectos básicos do funcionamento escolar, que nem sempre estão presentes na escola pública brasileira: instalações e equipamentos, conservação e limpeza, presença de professores e funcionários competentes, organização e bom relacionamento entre a equipe e com alunos e pais (classes 2, 3 e em parte a 6). Essas classes apresentaram uma correlação mais alta com respostas de pessoas de fora da escola e também com crianças, adolescentes e jovens.

Um segundo conjunto faz transparecer uma concepção mais abrangente de educação, valorizando a formação da pessoa e mencionando ideais como democracia, ética, igualdade, justiça e paz. A classe 5, onde estão presentes essas idéias, relaciona-se com a classe 1, na qual transparece uma preocupação com a ligação da escola com a comunidade e com a preparação para a vida futura. Essas duas classes correlacionaram-se mais significativamente com trechos de respostas de adultos de dentro da escola.

Nos diagramas fornecidos pelo Alceste, as classes 1 e 5 estão relacionadas também com o conjunto das classes 4 com as demais. A classe 4, onde transparece com mais força a valorização da instrução, também apresenta frases que ligam a escola com o mundo de fora, principalmente com o trabalho.

Duas escolas quase não aparecem nesses agrupamentos por classe. Uma delas atende crianças em situação de rua, em cidade do interior, com apenas 40 alunos matriculados; a outra situa-se próxima a uma universidade e integra um conjunto de instituições que realizam um trabalho de assistência às populações locais. As respostas obtidas nessas duas escolas para essa questão foram muito poucas.

4.2. Tipos de concepção de qualidade registrados em Pernambuco

As respostas à primeira pergunta do questionário obtidas em Pernambuco foram analisadas segundo o mesmo método adotado para o outro estado, com a ajuda do

programa Alceste. Nesse conjunto de respostas abertas, o programa identificou quatro classes.

De forma semelhante à classe 2 do Rio Grande do Sul, a classe 1 agrupa palavras ligadas ao funcionamento da escola. As palavras mais significativas são *boa+/bons*, *ensin+*, *limp+*, *merenda*, *organiz+*. O foco é claramente a escola.

Como exemplos de frases com palavras significativas, aparecem, entre outras: “que tem bons professores, bom ensino, boa direção e organização, higiene, grêmio, segurança, que tenha dias de aula completo sem falta de professor” (aluno de 24 anos de escola estadual de Recife); “Uma escola que tenha um bom ensino, independente de ser pública ou particular. Que tenha professores bons, que dêem boa orientação...” (aluno de 8ª série, escola municipal de Recife); “que tenha bons professores, uma boa direção principalmente, espaço físico, salas grandes e uma boa merenda”; “ter um bom professor, pois não tem mais prazer de ensinar, ter tudo, computação, esportes, tudo em lazer, organização central e segurança e limpeza” (mãe, dona de casa, 39 anos, escola pública do interior).

Esta classe associa-se mais com a seguinte, a classe 2.

A classe 2 aparece carregada de palavras que apontam para questões de comportamento, principalmente de alunos, inclusive sua obrigação de estudar. As palavras que aparecem como mais significativas são *estuda+*, *respeit+*, *bagunça*, *ano*, *comport+*, *explic+*, entre outras. O foco parece ser o aluno. Entretanto, as palavras *explicar*, *explicação* e variantes surgem em frases que reclamam de professores que não explicam direito.

As frases destacadas pelo programa, nessa classe, são, entre outras: “que a diretoria seja boa para os alunos, que tenha polícia na frente da escola, porque às vezes tem muita bagunça de aluno grande de fora, de outra escola ou que não estuda e fica bagunçando”; “os alunos também, muitos, não prestam atenção, mas os alunos têm o direito, os professores não têm paciência, explicam uma vez e pronto”; “que seja perto de casa, que tenha professores bons, que puxem do aluno até ele aprender aquela lição, mas o aluno também tem que fazer a sua parte, prestar atenção na explicação do professor, não bagunçar, respeitar o professor, o diretor”; “...A escola deveria ter mais respeito, esse ano virou bagunça total na escola, as meninas estão terminando e eu estou preocupada com esse terceiro ano” (mãe, dona de casa, 41 anos, área rural do interior).

As classes 1 e 2 estão relacionadas no diagrama fornecido pelo programa. Com efeito, embora uma esteja mais centrada na escola e outra no aluno, as duas classes agrupam palavras e frases que tocam nos aspectos organizacionais da escola, em suas condições básicas de funcionamento: prédio, professores presentes e que ensinem, segurança, limpeza, respeito a regras de convivência.

Na classe 3 surgem palavras significativas que apontam para questões ligadas à formação e aprendizagem. São, por exemplo: *form+*, *conhecimento+*, *preocup+*, *constru+*, *integr+*, *família*, *qualidade*, *social+*, *vida*, *pens+*, *aprendiz+*, *desenvolvimento*. Por suas características, parecem ter sido extraídas de depoimentos da equipe escolar, o que é confirmado pelas variáveis significativamente associadas a essa classe: entrevistados adultos, de dentro da escola.

Algumas das frases que empregam esse vocabulário são: “vejo a qualidade em dois aspectos: a qualidade do trabalho que vai ser desenvolvido com o aluno, que por sua vez vai facilitar o aprendizado dele e isso vai garantir a construção do conhecimento” (diretora, 38 anos, escola estadual de Recife); “É uma escola onde o aprendizado é transmitido de forma correta e o aprendiz adquire conhecimentos para a vida e para o mercado de trabalho, dando condições ao alunado a exercer seus direitos de cidadania através de um aprendizado crítico e consciente” (diretora, 51 anos, escola estadual de

Recife); “uma escola que oferecesse conhecimentos gerais, orientação profissional e até moral, acredito que a escola perdeu muito o seu papel de educadora, hoje visa mais o lucro, não importa se o aluno é rebelde, se tem bom rendimento escolar” (pai, funcionário público, 37 anos, escola particular de Recife).

A classe 3 aparece relacionada com a classe 4 no diagrama fornecido pelo programa.

Na classe 4, dentre as palavras mais significativas, aparecem comunidade e sociedade. Junto com essas, encontram-se: *condic+*, *oferec+*, *secretaria*, *valoriz+*. Os segmentos entrevistados que mais se associam com esse vocabulário são de dentro da escola, especialmente os adultos.

Nos exemplos, percebe-se que os aspectos de qualidade citados aparecem ligados às necessidades e expectativas da sociedade e da comunidade. Alguns deles são: “É aquela que atende aos anseios da comunidade como um todo, aquela que pode subsidiar no melhoramento da condição da comunidade e feita com responsabilidade por parte dos pais, alunos, profissionais” (diretor, 31 anos, escola municipal rural do interior); “aquela que atenda aos anseios da comunidade, a exemplo da oferta de condições para que o aluno se interesse para a prática da cidadania” (professor de história, 25 anos, escola municipal de Recife); “que ofereça cursos de profissionalização para que o aluno se entregue em melhores condições à sociedade” (aluno de 18 anos, escola rural do interior).

A análise das respostas de Pernambuco identificou dois conjuntos de palavras utilizadas pelos entrevistados em seus depoimentos: no primeiro – classes 1 e 2 – são os aspectos de infra-estrutura escolar e de organização, onde se inclui a disciplina, que aparecem com destaque, principalmente nas vozes dos mais jovens. No segundo, são conceitos mais elaborados que surgem, discursos que mencionam aprendizagem, conhecimento, formação – classe 3 – e que relacionam esses aspectos aos “anseios” da comunidade e à sociedade para a qual os alunos deveriam ser preparados – classe 4. Esse segundo conjunto traz as palavras utilizadas principalmente por adultos de dentro da escola, especialmente diretores e professores.

Essa classificação não é muito diferente daquela obtida para o Rio Grande do Sul, embora lá a análise tenha encontrado seis classes e não quatro. Algumas palavras têm aqui uma presença mais significativa, como é o caso de limpeza, merenda e bagunça, por exemplo. A limpeza foi identificada como palavra significativa na classe 3 do material gaúcho, com menor peso do que nas frases deste outro estado, mas merenda e bagunça só constam como significativas nas respostas de Pernambuco.

O fato de que estas frases tenham se associado significativamente aos segmentos mais jovens deve ser objeto de reflexão: parece que, ao contrário do que geralmente se assume, a sujeira, a desorganização e a falta de respeito a regras de convivência afetam sim os alunos e são percebidas como características que indicam falta de qualidade da educação na escola. Quanto à merenda, talvez existam condições mais desfavoráveis em relação à alimentação nas escolas incluídas na amostra de Pernambuco do que nas escolas do Rio Grande do Sul.

Em Pernambuco, muitos entrevistados mencionaram em suas respostas o problema representado pelas greves e faltas de professores no sistema público. As diferenças entre as escolas públicas e particulares também foram utilizadas pelos entrevistados como elemento explicativo em suas conceituações sobre qualidade, seja favorecendo as primeiras, seja as segundas. Um outro estudo realizado na região nordeste já havia identificado esse aspecto como importante na conformação das concepções de qualidade manifestadas pela população (Sales, 2000).

5. A ESCOLA DOS SONHOS

Uma das perguntas do questionário era “Como seria a escola de seus sonhos?”. Ainda que semelhante à questão inicial “Uma escola de qualidade é...”, pensava-se que essa outra formulação pudesse estimular os entrevistados a revelar mais livremente seus anseios e expectativas em relação a uma escola “ideal”.

As respostas obtidas foram analisadas com ajuda do programa Alceste. As respostas dos dois estados foram agrupadas em um mesmo conjunto nessa análise, para obter o volume de dados necessário ao tratamento estatístico previsto no programa. O esquema de codificação foi o mesmo adotado para as outras questões.

As categorias ou classes que emergiram do tratamento de dados não foram muito diferentes daquelas obtidas para a questão “Uma escola de qualidade é...”. As diferenças parecem estar mais na ênfase das respostas, sendo que muitas delas realmente mostram que os entrevistados expressaram-se com maior liberdade nessa questão. Note-se que, no momento de reagir a esta pergunta sobre a escola dos sonhos, as pessoas já haviam respondido à parte do questionário que continha uma listagem de características de qualidade da escola.

Um primeiro tipo de resposta aparece em duas classes identificadas pelo Alceste, a 1 e a 5, que são bastante semelhantes entre si: são respostas constituídas por palavras que sugerem critérios mais abstratos, de caráter pedagógico, relacionados a ensino, formação, concepção de educação.

Como exemplos das respostas incluídas na classe 1, aparecem as seguintes frases: “um local onde o cidadão tomasse consciência de sua integração, que colaborasse para sua formação profissional, que desenvolvesse nele o pesquisador, uma escola com uma perspectiva de um mundo melhor”; “a escola cidadã educação integral onde o aluno é preparado para a vida, onde o aluno sinta-se motivado para freqüentá-la”; “onde todos os professores lutassem pelo mesmo objetivo que é a formação integral do aluno”. As palavras ou raízes de palavras mais fortemente associadas a essa classe são: aluno/a, form+, cidad+, igual+, filh+, sint+, profissionalizante+ e profission+. Não surpreende o dado de que são principalmente adultos que deram respostas desse tipo.

As palavras de um professor (ou professora), em especial, de uma escola particular de Porto Alegre, têm um peso significativo nessa classe. Sua resposta foi longa, complexa: relacionou aspectos do currículo com características da sociedade “global hoje do conhecimento”; refletiu que o espaço da escola teria de ser “uma espécie de laboratório”, sendo que o trabalho de pesquisa do aluno deveria se estender para fora, alcançando a comunidade local. “A escola dos meus sonhos também se situa neste processo de gestar cidadãos e cidadãs”, disse, acrescentando a preocupação com o processo “da chamada exclusão em todos os níveis”.

A classe 5 agrupa respostas semelhantes, com maior ênfase nos aspectos de comportamento e várias menções à “escola aberta”, uma das escolas públicas do Rio Grande do Sul, voltada para crianças e adolescentes em situação de risco. Alguns exemplos de frases são: “essa escola valorizasse a participação no planejamento, nas decisões, relacionados ao projeto pedagógico, nesta escola também tem que ter presente os limites que os alunos sem precisar impor tivessem consciência até onde ir”; “uma escola com uma proposta pedagógica de escola aberta, devido à situação financeira dos alunos e familiares”; “parecida com esta, só que com menos briga e mais respeito dos alunos com os professores”; “que os professores ensinassem mais, escola organizada, diretores estejam presentes na escola”. As palavras mais significativas são: alunos, ensin+ e respeit+.

Nas classes 1 e 5 predominam trechos de respostas de entrevistados do Rio Grande do Sul.

Um segundo tipo de respostas está mais centrado nos aspectos de infra-estrutura material da escola: prédios, equipamentos, com muita ênfase nas atividades esportivas, de lazer e de arte, limpeza e organização, ao lado de uma grande valorização da informática. São as classes 2 e 3, que apresentam grande proximidade entre si. Nelas, as respostas com palavras significativas distribuem-se mais equilibradamente entre os dois estados, com ligeira predominância de Pernambuco. Na classe 3, são principalmente as palavras de crianças, adolescentes e jovens que foram identificadas como mais significativas. Um exemplo é a resposta dada por uma aluna de 10 anos de idade de escola municipal de Recife: “ter piscina, esportes, boa educação. Trabalhos de artes na parede e ter computador”.

Na classe 2, a infra-estrutura da escola é muito valorizada, como mostram os seguintes exemplos: “aquela que contemplasse todos os amigos que eu já tive, ginásio de esportes bem grandes para encher de torcidas as arquibancadas, natação, piscina, sala de computação, biblioteca, usar a Internet de graça”; “que tivesse transporte escolar, biblioteca, laboratório, sala de informática, quadra de esportes”; “com espaço físico suficiente, tempo integral, um turno com aula e outro com oficinas, esportes, laboratórios, por aptidão, manhã parte teórica e tarde parte prática”; “deveria ser igual à escola do seriado Sandy e Junior, tenha sala de computador, lanchonete, quadra de esportes e tem mais tempo para ficar conversando, sem ficar o tempo todo na sala de aula”. As palavras mais fortemente associadas à classe 2 são: aula+, computador+, esporte+, laboratório+, piscina+, sala+, quadra+, biblioteca+, ginásio, jogos, natação, informática e computação, todas com alta significância.

A classe 3 agrupa palavras que remetem mais aos aspectos de limpeza e organização, à merenda, mas também inclui menção a bons professores e salário. Alguns exemplos de frases são: “a que tivesse limpeza, organização, disciplina e não houvesse discriminação”; “limpa, organizada com bons professores e colegas e que todos ajudassem uns aos outros”; “uma escola que tivesse como lancheria o McDonald’s, liberdade de expressão, professores de cursinho, boa infra estrutura esportiva e bastante gurias”; “professores bons e boa merenda”; “que tivesse um salário melhor, limpa e organizada”. As palavras mais significativas são: bon+/boa+, professor+, limp+, salário+, física, tivess+, organiz+, merenda+, falt+.

É interessante perceber que, aliados aos aspectos materiais, surgem também menções aos colegas e às amizades. A escola de tempo integral aparece em muitas respostas, em todas as classes já descritas, sendo que uma das respostas menciona explicitamente os Cieps.

A classe 4 inclui aspectos mais diretamente ligados à afetividade, ao clima da escola, à motivação para aprender, ao “sentir-se bem”. As seguintes frases exemplificam esses aspectos: “uma escola que desse prazer aos educadores e desse estímulo e prazer para o educando: que ela deixe de ser uma tortura, um lugar para onde o aluno vá porque quer”; “um lugar mais do que para trabalhar, para aprender, todos, dentro e fora, para serem pessoas completas, não apenas em termos de conhecimento, mas de vivência, de experiência, de afetividades, sentimentos; todos deveriam aprender sobre tudo”; “a escola deveria ser de paz, para as pessoas se sentirem bem felizes”; “teria um clima de amizade, seria um lugar onde todos se sentissem bem”; “que as crianças não fossem discriminadas, todos deveriam ser tratados iguais, que os colegas se dessem super bem”. Nesta classe, as palavras mais significativas são: aprend+, lugar, sent+, vontade, criança+ e estimul+.

Essa menção à discriminação e o anseio pela igualdade também surge nas demais classes, de forma dispersa, por exemplo: “...que o estudo seja igual para pobre e para

quem não é pobre” (classe 1); “...sem preconceito...” (classe 2); “...que não discrimine os alunos...” (classe 3); “...aquela que os alunos pudessem aprender sem discriminação” (classe 4).

Algumas respostas citam sua própria escola como sendo a “dos sonhos”. Em poucos casos surgem respostas mais negativas, descrentes de que a escola possa ser diferente daquela que conhecem: “não sei, nunca pensei em fazer uma escola ótima, tipo melhor do mundo, não tenho escola dos sonhos” (classe 1); “até agora, pelo que eu estou vendo, a gente tem de exigir que não piore mais, porque do jeito que as escolas estão, ela deveria ter ajuda dos governos municipal, estadual e federal, para melhorar a escola por completo” (classe 5).

De forma geral, as respostas demonstram que as pessoas conseguem revelar com certa clareza como seria uma escola ideal, a escola de seus sonhos. Os aspectos mencionados cobrem as condições de funcionamento e as características mais ou menos consensuais de uma boa escola: boas instalações para o ensino, o que inclui a educação física; limpeza e organização; bons professores e alunos motivados. Incluem também, com bastante ênfase, aspectos que não costumam ser muito valorizados na literatura especializada: convivência humana saudável, tratamento igualitário, clima de colaboração, amizade. Os entrevistados mostram que a instituição escola ainda é vista com esperança: a escola dos sonhos revela que a maioria dos entrevistados acredita na educação.

6. SATISFAÇÃO NO TRABALHO

Os diretores, professores e funcionários responderam à pergunta “Você/o senhor/a senhora gosta de trabalhar nesta escola?”, indicando até três motivos para suas respostas, dentre dez motivos sugeridos para a resposta “Sim” e onze para a resposta “Não” ou “Mais ou Menos”. Estas foram analisadas distinguindo de um lado diretores e de outro, professores e funcionários.

Todos os diretores responderam afirmativamente à questão e a grande maioria dos demais profissionais também. Muito poucos responderam não ou mais ou menos.

Os motivos escolhidos pelos diretores dos dois estados foram variados, mas no sul houve maior frequência para “gosta de trabalhar em escola” e “tem um bom relacionamento com alunos e alunas”. Em Pernambuco, além desses motivos, também foram indicados “tem um bom relacionamento com professores e funcionários”, “a escola tem um projeto pedagógico interessante” e “a escola desenvolve a cidadania”.

Tabela 8**Motivos de Satisfação no Trabalho na Escola para Professores e Funcionários, PE e RS. Porcentagem de escolha de alternativas**

Motivos*	1º motivo		2º motivo		3º motivo	
	PE	RS	PE	RS	PE	RSs
a. Gosta de ensinar/lidar com alunos	46,4	70,7	–	–	–	–
b. Bom relacionamento com alunos/alunas	27,8	15,2	29,9	38,0	–	–
c. Bom relacionamento com colegas	10,3	3,3	30,9	27,2	21,6	32,6
d. Bom relacionamento com direção	–	2,2	6,2	2,2	16,5	15,2
e. Valoriza trabalho/desenvolvimento profissional/boas cond. trabalho	4,1	3,3	4,1	20,6	10,3	8,7
f. Projeto pedag./particip. famílias/cidadania	1,0	2,2	7,2	7,6	10,3	20,7
g. Contempla diversidade./combate discriminaç.	–	–	1,0	1,1	7,2	13,0
h. outros/não sabe	10,3	3,3	20,6	3,3	34,0	9,7
Totais (100%)	97	92	97	92	97	92

* Os itens e e f agrupam mais de uma alternativa do questionário.

Professores e funcionários apontaram principalmente “gosta de ensinar/lidar com os alunos”, “tem um bom relacionamento com alunos e alunas” e “tem um bom relacionamento com colegas de trabalho”. O motivo “tem um bom relacionamento com a direção” aparece em menos de 20% das respostas, como terceiro indicado. Os demais motivos (agrupados nos itens e e f), que se referem à filosofia de trabalho da escola, foram principalmente citados nas segundas e terceiras escolhas.

Os motivos apontados para as respostas “não” e “mais ou menos” estão dispersas pelas diferentes razões, com uma ou duas respostas em cada uma, no máximo.

De forma geral, ressaltam as respostas positivas, fundamentadas em uma satisfação no trabalho bastante ligada ao critério da qualidade das relações humanas na escola, tal como é percebida por esses profissionais.

Os motivos de não gostar ou gostar mais ou menos de trabalhar naquela escola, para os oito respondentes de Pernambuco e três do Rio Grande do Sul que deram essas respostas, dispersaram-se entre as várias alternativas previstas, sem indicar nenhuma tendência comum.

7. SATISFAÇÃO DO ALUNO

Perguntou-se aos alunos se gostavam de ir à escola e porque. A mesma questão sobre a satisfação dos alunos foi colocada aos pais e responsáveis. Essas questões comportavam alternativas pré-formuladas.

A maioria dos alunos (95,7% em Pernambuco e 89,3 no Rio Grande do Sul) declarou gostar de ir para a escola. O motivo mais citado em primeiro lugar foi “gosta de encontrar amigos e colegas”. Em segundo lugar, foram mais escolhidas as alternativas “gosta de aprender” junto com “professores ensinam bem” e “gosta dos professores”. “Gosta de aprender” e “os professores ensinam bem” também aparecem bem citados como terceiro motivo. A brincadeira e o jogo aparecem mais valorizados entre os alunos e

alunas do sul, talvez por seu perfil de idade, mais jovem do que na amostra do outro estado.

Tabela 9

**Motivos de Gostar de ir à Escola por Parte de Alunos, PE e RS.
Porcentagem de escolha de alternativas**

Motivos	1º motivo		2º motivo		3º motivo	
	PE	RS	PE	RS	PE	RS
a. gosta de encontrar amigos/colegas	62,0	67,9	–	–		
b. gosta de brincar/jogar no recreio	7,6	4,8	7,6	17,9		
c. gosta da merenda	1,1	1,2	1,1	2,4	2,2	1,2
d. gosta dos professores	8,7	11,9	34,8	23,8	1,1	9,5
e. gosta de aprender/prof. ensinam bem*	8,7	3,6	35,9	42,9	53,2	57,1
f. outra/ sem resposta	11,9	10,7	20,6	13,1	43,5	32,2
Totais (100%)	92	84	92	84	92	84

* Alternativas separadas no questionário.

As respostas dadas pelos pais ou responsáveis são bastante semelhantes às dadas diretamente pelos alunos. O motivo mais citado em primeiro lugar também é “gosta de encontrar amigos e colegas”: 52,0% em Pernambuco e 67,9% no Rio Grande do Sul escolheram essa como primeira razão. Como segunda e terceira mais citada aparece “gosta de estudar e aprender”. “Gosta dos professores” também foi bastante mencionado nos dois estados, mas em porcentagens mais altas entre os gaúchos.

Os motivos para as respostas negativas apareceram de forma muito dispersa para os dois segmentos de entrevistados.

Ressalta, nessas respostas, a importância das amizades para as crianças, adolescentes e jovens que estudam nessas escolas, nos dois estados. Esse dado já foi encontrado em outras pesquisas, mas seria importante refletir sobre até que ponto as escolas valorizam ou não esse aspecto da experiência escolar. É interessante perceber que os profissionais da escola também apontam o relacionamento entre colegas como sendo importante; será que estão tão atentos para as questões de convivência humana entre os alunos na escola?

Chama atenção também, o fato de os alunos – e os pais reconhecem isso – valorizarem sua relação com os professores e com o conhecimento.

8. ENVOLVIMENTO DOS PAIS COM A ESCOLA

Aos pais e responsáveis foi feita a seguinte pergunta: “Que tipo de envolvimento você/o senhor/a senhora gostaria de ter com a escola de seu filho/sua filha?” As respostas obtidas foram analisadas qualitativamente, separadas por estado.

8.1. Rio Grande do Sul

As respostas aqui comentadas foram dadas por 82 entrevistados do segmento “pais ou responsáveis” de alunos de sete escolas: duas particulares, sendo uma em Porto Alegre e outra rural/técnica em Nova Petrópolis; três municipais, uma em Porto Alegre, uma em Rio Grande e a terceira em Caxias; e duas estaduais, uma na periferia de Porto Alegre e outra em Santa Maria, que atende crianças e adolescentes em situação de rua.

O primeiro aspecto que ressalta nessas respostas é a valorização da participação. A maioria dos depoimentos reafirma a participação que dizem já manter junto à escola ou declaram que gostariam de participar mais.

Poucos entrevistados respondem que não podem participar, por dificuldades de horário ou trabalho, e outros se justificam dizendo que a escola já é boa, não necessitando de sua ajuda. Alguns revelam que não sabem como essa participação poderia se dar: “gostaria de saber como funciona” (escola estadual); “nunca pensei” (escola municipal); outros esperam um chamado da escola: “estou disposta a ajudar, mas que me chamem” (escola municipal); “apenas quando a escola chama e sente necessidade” (escola particular).

Grande parte das respostas indica as questões sobre as quais os pais gostariam de opinar ou em que ocasiões gostariam de estar presentes na escola. A seguir estão relacionadas as categorias nas quais foram classificadas as respostas. O mesmo entrevistado pode estar classificado em mais de uma categoria.

Tabela 10

Número e Porcentagem dos Tipos de Envolvimento que os Pais Gostariam de Ter na Escola, por Escola Particular e Pública, RS

Tipos de envolvimento	esc. part.		esc. públ.		totais	
	n	%	n	%	n	%
a. gestão da escola, conselho de pais e mestres (CPM)	3	12,5	11	17,7	14	16,3
b. contato com professores	2	8,3	7	11,3	9	10,5
c. passeios, festas, danças, eventos esportivos	5	20,8	4	6,4	9	10,5
d. currículo, aprendizagem, conselho de classe	6	25,0	—		6	6,9
e. saber mais sobre seu filho, entrega de boletins	2	8,3	6	9,7	8	9,3
f. cursos, palestras	—		4	6,4	4	4,7
g. diálogo, união, trabalho voluntário	—		7	11,3	7	8,1
h. valoriza mas não especifica tipo de envolvimento	3	12,5	9	14,5	12	13,9
i. não tem tempo	2	8,3	6	9,7	8	9,3
j. já está bom assim	1	4,2	4	6,4	5	5,8
k. não sabe	—		4	6,4	4	4,7
Totais (100%)	24		62		86	

Observa-se, pela comparação das porcentagens de respostas entre escolas particulares e públicas, que os pais de escolas particulares citam mais as atividades festivas e as questões pedagógicas do que os demais. Nenhuma resposta de entrevistados

de escolas públicas menciona o desejo de participar em assuntos diretamente ligados ao ensino, como indicam seis entrevistados das escolas privadas.

Algumas dessas respostas são: “envolvimento com os passeios culturais e esportivos que poderiam ser feitos nos finais de semana” (escola particular); “se eu pudesse participar, ser um amigo da escola, para promover dança, música” (escola municipal); “gostaria de dançar, também, acho lindo” (escola municipal); “participação em atividades para desenvolver o currículo” (escola particular); “gostaria de participar sabendo como os alunos se comportam e aprendem em sala de aula” (escola particular).

Muitos entrevistados mencionam a vontade de saber mais sobre o aproveitamento e o comportamento de seus filhos na escola e o desejo de ter um maior contato com os professores às vezes aparece associado a essa preocupação com os filhos. Algumas dessas respostas são: “busco acompanhar a trajetória dos meus filhos na escola, por isso considero importante a abertura ao diálogo por parte dos professores” (escola estadual); “conversar mais com os professores” (escola municipal); “se tivesse tempo, gostaria de conhecer melhor a escola e conversar com os professores” (escola estadual). Esse desejo de uma maior aproximação com os professores mostra que os pais não se satisfazem somente com os contatos mais formalizados, em reuniões ou com a direção, mas buscam outras vias de diálogo, reconhecendo a importância do papel dos professores junto a seus filhos.

Quanto aos aspectos relacionados à gestão da escola ou à participação nos conselhos de escola, estes foram citados mais pelos pais de escolas públicas, mas também pelos demais: “gostaria de participar do CPM” (escola municipal); “participar dos problemas e dificuldades da escola” (escola municipal); “estar por dentro dos assuntos do cotidiano da escola” (escola municipal); “já participo do CPM da escola e gosto muito” (escola estadual); “os pais deveriam se envolver mais até em termos de orçamento” (escola particular).

O desejo de assistir a cursos e palestras na escola só é citado pelos pais de escolas públicas, assim como a menção ao diálogo, à união, o desejo de “ser bem recebida” (escola estadual). Muitas respostas demonstram o desejo de ajudar na escola, com oferecimento de trabalho voluntário: ajudar nas festas, como “amigo da escola”, no recreio ou consertar coisas na escola.

Algumas das mulheres entrevistadas citam os maridos, ou para contar que eles já participam da escola ou para manifestar o desejo de que se envolvam mais.

8.2. Pernambuco

Nesse estado, obteve-se respostas a essa questão de 62 entrevistados, correspondendo a nove escolas, sendo duas particulares (uma em Recife, outra em Carpina), e as restantes estaduais e municipais da capital e do interior.

A classificação dos aspectos mencionados nas respostas procurou seguir as mesmas categorias utilizadas para as respostas do Rio Grande do Sul. Porém, alguns dos aspectos que foram insistentemente citados pelos pais das escolas de Pernambuco e que não apareceram com tanta ênfase no sul, mereceram maior destaque, o que levou a um desdobramento de duas categorias no quadro 2: “reuniões” e “ajudar, trabalho voluntário”. O mesmo entrevistado pode estar classificado em mais de uma categoria, pois sua resposta pode incluir mais de um dos aspectos considerados na classificação.

Tabela 11

Número e Porcentagem dos Tipos de Envolvimento que os Pais Gostariam de Ter na Escola, por Escola Particular e Pública, PE

Tipos de envolvimento	esc. part.		esc. públ.		totais	
	n	%	n	%	n	%
a. gestão da escola, diretor	–		1	2,0	1	1,4
b. contato com professores	1	4,5	1	2,0	2	2,8
c. passeios, festas, danças, eventos esportivos	1	4,5	1	2,0	2	2,8
d. reuniões	5	22,7	14	28,6	19	26,8
e. currículo, aprendizagem	2	9,1	–		2	2,8
f. saber mais sobre seu filho	1	4,5	9	18,4	10	14,1
g. cursos, palestras	–		–		–	
h. diálogo, união, saber mais sobre a escola	4	18,2	7	14,3	11	15,5
i. ajudar, trabalho voluntário	1	4,5	8	16,3	9	12,7
j. valoriza mas não especifica tipo de envolvimento	1	4,5	2	4,1	3	4,2
k. não tem tempo	1	4,5	1	2,0	2	2,8
l. já está bom assim	5	22,7	2	4,1	7	9,9
m. não sabe	–		3	6,1	3	4,2
Totais (100%)	22		49		71	

Da mesma forma que no outro estado, as respostas mostram uma disposição favorável à participação por parte de quase todos os entrevistados. Em Pernambuco, essa disposição aparece muitas vezes associada a uma vontade de saber mais sobre o que acontece na escola. Dois pais de escola particular apontaram aspectos ligados ao ensino: “maior participação no tipo de ensino” e “acompanhar a aula”. Nas respostas dos pais das escolas públicas, outros aspectos sobre os quais os pais querem saber mais são: “saber também sobre as amizades”, “como é feita a distribuição da merenda”, “na hora do recreio, eu não sei o que acontece aqui”.

As reuniões foram o aspecto mais abordado, tanto nas escolas públicas como particulares, algumas vezes para dizer que vão sempre, acham importante, outras vezes para reclamar que não são feitas, que nunca são chamados: “gostaria de participar, mas a escola não chama muito, só lembro esse ano, uma única vez” (mãe de escola pública do interior); “gostaria de ter a reunião de pais e mestres, aqui nunca fui chamado, porque a gente sabe como está o nosso filho no colégio” (pai de escola pública do interior). Em algumas respostas há uma insatisfação sobre como esses contatos ocorrem: “...não só ouvir, mas falar” (mãe de escola particular do interior); “gostaria de participar um dia de uma reunião que eu dissesse o que eu sinto e estou vendo” (mãe de escola pública rural do interior).

Nenhuma resposta em Pernambuco mencionou explicitamente conselho de escola, associação de pais ou mestres ou outra forma de gestão colegiada da escola. Apenas uma mãe disse que “gostaria de estar mais próxima da direção”.

A disponibilidade para ajudar a escola, com menção explícita ao tipo de trabalho que poderiam desenvolver, aparece em um número significativo de respostas, principalmente entre os pais de escola pública. São propostas ajudas e colaborações na limpeza, em consertos, para cobrir faltas de funcionários, na organização de atividades

esportivas, para contar histórias aos alunos, na segurança da portaria, na merenda, na educação sexual.

Comparando-se as respostas nos dois estados, verifica-se que um dos aspectos mais citados no sul não aparece em Pernambuco, que é a participação no conselho de pais e mestres. Talvez algo equivalente estivesse subentendido na menção a “reuniões”, bastante enfatizadas pelos pernambucanos. Parece que, no Rio Grande do Sul, a população está mais familiarizada com as formas instituídas de participação, provavelmente resultado das políticas públicas adotadas pelas últimas administrações de orientação popular.

9. PROPOSTAS DAS EQUIPES ESCOLARES PARA MUDANÇAS NA ESCOLA

A questão “No que a escola teria de mudar para seu trabalho se tornar mais satisfatório?” foi feita a diretores, professores e funcionários das escolas pesquisadas. As respostas foram submetidas a uma análise qualitativa, separadamente por estado.

9.1. Rio Grande do Sul

As respostas aqui comentadas foram dadas pelas equipes das mesmas sete escolas citadas anteriormente: duas particulares, sendo uma em Porto Alegre e outra rural/técnica em Nova Petrópolis; três municipais, uma em Porto Alegre, uma em Rio Grande e a terceira em Caxias; e duas estaduais, uma na periferia de Porto Alegre e outra em Santa Maria, que atende crianças e adolescentes em situação de rua.

As respostas estão analisadas separadamente pelas três categorias de entrevistados. Dentre os professores, 70 responderam a essa questão nesse estado. As respostas podem estar classificadas em mais de uma categoria.

Tabela 12

Número e Porcentagem dos Tipos de Mudança que os Professores Gostariam de Ver na Escola, por Escola Particular e Pública, RS

Aspectos citados nas respostas	esc. privada		esc. pública		totais	
	n	%	n	%	n.....	%
a. formação em serviço, cursos, coord. pedagógica	4	17,4	8	12,7	12	13,9
b. tempo p. trab. em equipe, planej., proj. polít. pedag.	7	30,4	13	20,6	20	23,3
c. mudanças na organização, outras atividades	4	17,4	3	4,8	7	8,1
d. disciplina dos alunos	–		9	14,3	9	10,5
e. crítica a ciclos, avaliação, reprov., autonomia	1	4,3	5	7,9	6	6,9
f. instalações, limpeza, equipamentos, recursos	3	13,0	10	15,9	13	15,1
g. participação dos pais, comunidade	1	4,3	5	7,9	6	6,9
h. outros	3	13,0	10	15,9	13	15,1
Totais (100%)	23		63		86	

Os professores das escolas privadas e públicas citaram, na maioria das respostas, aspectos que poderiam ser classificados como incidindo principalmente em questões pedagógicas: formação em serviço, trabalho em equipe, questões ligadas à avaliação e promoção dos alunos. Esses aspectos correspondem a 44% do total. A necessidade de “trocas entre os colegas”, “encontro entre os professores” foi bastante enfatizada.

Os ciclos e práticas de redução da repetência mereceram críticas por parte de alguns professores: “Critério de aprovação e reprovação do aluno. Isso deve melhorar. Hoje as escolas estão reféns disto com medo de perder o aluno” (escola rural técnica privada); “Não concordo com a única consideração dos ciclos quanto à idade, que não respeita o ritmo dos alunos, acaba discriminando mais; respeita a questão do grupo e não a questão cognitiva” (escola municipal da capital); “O setor pedagógico não pode interferir na metodologia do professor. ‘Meu índice de reprovação é 25%, independente do número de disciplinas que o aluno reprovou’. Me preocupo que os alunos aprendam o mínimo necessário” (escola municipal do interior).

Em contraposição, somente dois professores, um de escola particular e outro de escola pública, mencionaram o salário (respostas incluídas em “outros”).

A necessidade de melhorar a disciplina dos alunos foi citada apenas nas respostas obtidas nas escolas públicas. Reclamações sobre instalações, limpeza, espaço, falta de recursos financeiros e humanos foram feitas por 15% dos entrevistados, embora a natureza dos aspectos fosse diferente nos dois tipos de escola: por exemplo, um professor de escola pública mencionou falta de água, enquanto outro, de estabelecimento técnico rural privado, pedia uma estação meteorológica para sua escola.

A maioria das respostas incluídas em “outros” mencionam aspectos genéricos, como por exemplo “abertura ao novo”, “integração alunos/professores”, “valorização” sem especificar, “realidade do aluno”, etc.

É interessante perceber que uma porcentagem maior de professores na escola particular pede mais tempo para planejamento e trabalho de equipe do que na escola

pública, talvez em razão das redes públicas já contarem com horário remunerado para essas atividades.

Examinando as 20 respostas dadas por funcionários das mesmas escolas, nota-se que suas preocupações são diferentes dos professores. Algumas respostas surpreendem: por exemplo um funcionário (sem informação de gênero, escola municipal de Porto Alegre) disserta sobre a importância das atividades culturais na escola: “...esse projeto de levar as crianças nas danças, no teatro, depois que eles vêm de lá, vêm cheios de novidades, fazem trabalho. (...) Se nunca levar uma criança ao teatro, como ela vai saber o que é teatro? E se nunca levar ao cinema, como ela vai gostar de cinema? São coisas da cultura, tem que ter cultura, porque cultura é uma coisa que prepara a gente para a vida. Quem não tem cultura acaba aprendendo outras coisas na vida, ruins”. Outro, de escola particular, gostaria de “mais comunicação sobre como funciona a escola, este setor, para poder melhor informar os pais dos alunos”, chamando atenção para o fato de que os funcionários interagem com os pais e necessitam de orientação para esses contatos.

Em poucas respostas há críticas; no exemplo a seguir, sobre outras escolas nas quais já trabalhou: “Tá tudo bom! Já trabalhei em outras escolas, sacodem os alunos, xingavam, botavam para a rua, os alunos (...) na hora da merenda não podiam nem conversar, nem na fila do almoço” (escola municipal de Porto Alegre).

Alguns pedem maior valorização de seu trabalho: “A merenda é um ato pedagógico. Ensina como comer, como usar o banheiro” (escola municipal do interior).

Tabela 13

Tipos de mudança que os funcionários gostariam de ver na escola, por escola particular e pública, RS

Aspectos citados nas respostas	esc. privada		esc. pública		totais	
	n	%	n	%	n.....	%
a. ensino, atividades, avaliação			2	10,5	2	8,0
b. merenda, cantina, recursos, infra-estrutura	2	33,3	5	26,3	7	28,0
c. ouvir mais os funcionários, valorização			3	15,8	3	12,0
d. já está bom assim	2	33,3	3	15,8	5	20,0
e. outros	2	33,3	6	31,6	8	32,0
Totais (100%)	6		19		25	

As respostas dos diretores são poucas. Um deles cita a estrutura de organização (escola particular da capital); outro preocupa-se com a superlotação das salas de aula; outro quer aumentar a participação da comunidade; em uma resposta há uma censura implícita “Os profissionais deviam ter maior comprometimento com a qualidade das aulas”; outro gostaria de oferecer mais atividades culturais em horários alternados; outro quer ver os alunos como “cidadãos de bem” (escola estadual do interior que atende crianças de rua).

9.2. Pernambuco

Nesse estado, foram obtidas 69 respostas de professores sobre o que teria de ser mudado na escola para tornar seu trabalho mais satisfatório. Em muitos aspectos as respostas foram semelhantes àsquelas dadas pelos professores do Rio Grande do Sul. Porém, alguns aspectos aparecem com maior frequência e ênfase, revelando, principalmente entre os que trabalham em escolas públicas, uma grande insatisfação com as condições de funcionamento das escolas. Em Pernambuco, 10% dos professores de escolas públicas responderam que acham que “tudo” deve mudar. Nenhum professor do outro estado deu esta resposta. Se forem somados os aspectos citados que revelam mais diretamente essa insatisfação, mais da metade das respostas podem ser assim consideradas, aí incluídas as obtidas nas escolas privadas (itens c, d, e, h, i).

Tabela 14

Número e Porcentagem dos Tipos de Mudança que os Professores Gostariam de Ver na Escola, por Escola Particular e Pública, PE

Aspectos citados nas respostas	esc. privada		esc. pública		totais	
	n	%	n	%	n.....	%
a. formação em serviço, cursos, coord. pedag.	2	11,1	10	11,4	12	11,3
b. planej., projeto pedag., trab. em equipe, democratizar gestão interna	1	5,6	9	10,2	10	9,4
c. salário	1	5,6	4	4,5	5	4,7
d. prédio, limpeza, equipamentos, mater. didático	8	44,4	24	27,3	32	30,2
e. menos alunos por sala de aula	1	5,6	3	3,4	4	3,8
f. maior rigor na avaliação, atividades reforço	—		6	6,8	6	5,7
g. participação dos pais, comunidade	—		5	5,7	5	4,7
h. diminuir interferência política	1	5,6	3	3,4	4	3,8
i. tudo, mudar radicalmente	—		9	10,2	9	8,5
j. já está bom	3	16,7	1	1,1	4	3,8
k. outros (outras ativid., serviços, sit. social, secr. educ.)	1	5,6	14	15,9	15	14,2
Totais (100%)	18		88		106	

Outra diferença importante refere-se às condições de infra-estrutura das escolas, como prédio, tamanho das salas, equipamentos, materiais pedagógicos. Em Pernambuco, tanto nas escolas particulares como nas públicas, esses aspectos foram duas vezes mais citados do que no sul. “Oferecer mais condições, material pedagógico e estrutura física para os professores”, responde uma professora de ciências sociais de escola particular de Recife. “As salas cheias, o prédio está em péssimas condições porque estamos em reformas, não tem água, os banheiros são horríveis, os bebedouros dão infecção urinária, não tem laboratório de informática, ventilador”, descreve um/a professor/a (não consta o gênero) de escola pública de Recife. “Dispor de laboratórios, sala de computação; reduzir

a superlotação, melhorar as condições de conforto das salas”, diz uma professora de português de escola municipal do interior.

A menção a interferências políticas, citada por quatro entrevistados, não havia surgido entre os gaúchos. Professoras de escola municipal rural queixam-se: “A escola hoje perde muito, porque a política partidária está dentro da escola e atrapalha o andamento”; “Tem que mudar as questões políticas, porque hoje em dia existe muito nesses órgãos”. Até mesmo uma professora de história de escola particular urbana do interior reclama: “A política local atrapalha”.

Quanto às necessidades de formação em serviço e trabalho em equipe na escola, as respostas são semelhantes às encontradas no sul. Algumas respostas enfatizam a democracia interna: “Mudar a gestão escolar para uma gestão mais democrática, isso no âmbito da escola” (professor de ciências sociais de escola municipal de Recife); “Teria de desbloquear, dar espaço para a liberdade de expressão de professores e alunos. Democratizar” (professor de português de escola municipal do interior).

Da mesma forma que no outro estado, aparece a preocupação e mesmo a discordância em relação ao sistema de avaliação e promoção de alunos: “Ser mais rígida quanto à aprendizagem do alunado” (professora de física de escola estadual do interior); “os alunos estão considerando que com conceito eles não precisam estudar muito porque vão passar” (professor/a de escola pública do interior); “rever o sistema de avaliação, pois os alunos têm muitas chances hoje em dia” (professora de português de escola municipal do interior). Mas também são feitas sugestões sobre aulas de reforço para os alunos.

A questão salarial aparece em poucas respostas, embora nesses casos com ênfase: “A remuneração, questão que é seríssima e precisa ser revista” (professora de português de escola municipal de Recife). Pode-se supor que, pela formulação da questão, os aspectos foram focalizados nas condições internas das escolas, pois os professores sabem que o salário depende das instâncias centrais dos sistemas educacionais e não da unidade escolar.

Na categoria “outros” estão agrupados aspectos variados, seja sugestões de atividades de enriquecimento curricular, seja questões políticas amplas, ou melhorias específicas, como “transporte para os professores”. Um professor de matemática de escola municipal do interior pede “palestras sobre educação para a vida. Educação sexual, drogas, quando se conhece a teoria se erra menos. Palestras bem elaboradas, com filmes, com a participação da família...uma semana ou três dias”.

De forma geral, percebe-se que as expectativas dos professores estão em um patamar bem superior às condições concretas de trabalho oferecidas pelas escolas, inclusive as particulares. Aqueles que atribuem à falta de preparo dos professores a maior responsabilidade pelos resultados insatisfatórios na aprendizagem dos alunos deveriam refletir sobre essas respostas.

Os 20 funcionários das escolas de Pernambuco, inclusive das escolas particulares, direcionaram suas queixas principalmente para aspectos ligados à precariedade dos prédios, à falta de equipamentos e material (de limpeza ou outros), confirmando a tendência observada nas respostas dos professores. Pediram, também, troca de horários, mais funcionários e menos cobrança dos diretores. “Tudo. Os banheiros estão horríveis. Só tem uma bacia. Precisa melhorar a limpeza”, pede um vigilante de escola estadual do interior; “Não pressionar muito para fazer os serviços, pois quando assim acontece, a gente fica num estado sufocante”, queixa-se uma funcionária de limpeza de 63 anos de escola particular do interior.

Os outros aspectos citados foram necessidade de policiamento no período noturno (escolas públicas do interior) e a interferência política: “Não mudar a direção da escola,

que é uma coisa que sempre acontece quando muda o prefeito”, pede uma merendeira de escola municipal do interior.

Também foi entrevistada uma supervisora, não incluída no cômputo abaixo. Para ela, seria necessário “Mais compromisso dos professores e respeito pelo direito do aluno ter aula” (escola estadual da capital).

Tabela 15

Número e Porcentagem dos Tipos de Mudança que os Funcionários Gostariam de Ver na Escola, por Escola Particular e Pública, PE

Aspectos citados nas respostas	esc. privada		esc. pública		totais	
	n	%	n	%	n	%
a. infra-estrutura, prédio, equipam., material	2	50,0	7	36,8	9	39,1
b. condições de trabalho (horário, mais funcionários, queixas da direção)	1	25,0	6	31,6	7	30,4
c. salário	1	25,0	2	10,5	3	13,0
d. já está bom assim	–		1	5,3	1	4,3
e. outros (segurança, política)	–		3	15,8	3	13,0
Totais (100%)	4		19		23	

Os nove diretores, seis mulheres e três homens, citaram quase os mesmos aspectos mencionados por seus colegas do sul. A interferência política local é referida pela diretora da escola municipal rural do interior, reforçando assim as queixas das professoras dessa mesma escola. A melhoria da infra-estrutura física aparece em três respostas. O diretor de uma escola particular de Recife gostaria de ver o tempo integral implantado para os alunos e a diretora de uma escola estadual dessa mesma cidade quer o horário integral para os professores. Uma diretora de escola municipal do interior questiona, como alguns professores, o sistema de avaliação por conceitos.

10. O DIA EM QUE OS ALUNOS SE SENTIRAM MAIS FELIZES NA ESCOLA

Aos alunos e alunas foi feita a seguinte pergunta: “Qual foi o seu dia mais feliz na escola?”. As respostas foram analisadas em conjuntos separados por estado.

10.1. Rio Grande do Sul

Nesse estado foram obtidas 84 respostas de alunos e alunas de ensino fundamental e de ensino médio das mesmas sete escolas: duas particulares, uma da capital e outra do interior (técnica rural); cinco públicas, sendo duas da capital, uma estadual e uma municipal e três do interior, duas municipais e uma estadual que recebe meninos de rua. Algumas respostas citaram mais de um aspecto.

Tabela 16

Número e Porcentual dos Aspectos Relacionados pelos Alunos/as ao Seu Dia Mais Feliz na Escola, por Escolas Particulares e Públicas, RS

Aspectos mencionados nas respostas	esc. part.		esc. públ.		totais	
	n	%	n	%	n	%
a. passar de ano, ser aprovado	3	11,5	16	25,4	19	21,3
b. 1º dia de aula, volta das férias, 1º dia na escola	2	7,7	8	12,7	10	11,2
c. formatura	3	11,5	1	1,6	4	4,5
d. festas, eventos	4	15,4	8	12,7	12	13,5
e. esporte, jogos, gincanas	5	19,3	5	7,9	10	11,2
f. passeios, visitas	–		5	7,9	5	5,6
g. aulas, estudo, computador	2	7,7	4	6,3	6	6,7
h. professores	1	3,8	2	3,2	3	3,4
i. outros (amizades, grêmio, etc.)	3	11,5	5	7,9	8	9,0
j. todos os dias	2	7,7	2	3,2	4	4,5
k. nunca teve um dia feliz, não sabe	1	3,8	7	11,1	8	9,0
Totais (100%)	26		63		89	

Entre os alunos das escolas particulares, os eventos esportivos foram os mais citados. Para os alunos das escolas públicas, o sucesso nos estudos (“passar de ano”) aparece em primeiro lugar, correspondendo a 25% dos aspectos citados. Responde uma aluna de escola municipal do interior: “Após ficar cinco anos fora da escola, voltei no segundo semestre de 98 e fui aprovada. Foi uma grande felicidade”. Mas a promoção também é importante para os alunos de escolas particulares: “Foi no ano passado quando passei de ano. Repeti a primeira série e fiquei muito triste”.

Para 35% dos alunos e alunas, os eventos festivos e esportivos e os passeios (itens c, d, e, f) são lembrados como o dia mais feliz na escola. Muitas respostas evocam as alegrias normalmente associadas à infância: “Quando veio um ônibus brincalhão na escola e uns palhaços e outras pessoas do circo. Foi muito divertido” (escola estadual de Porto Alegre – mais três alunos dessa escola mencionaram esse evento); “Foi no dia do jogo da quarta série, onde brincamos de caça ao tesouro, jogo de latas, varal” (escola particular técnica rural); “O dia que jogamos bola, sempre é um dia feliz” (escola estadual do interior).

Em alguns casos, esses eventos são lembrados como ocasiões de sucesso pessoal: “No dia do *show* de talentos da escola onde eu apresentei uma dança e toquei flauta. É legal porque a gente vê os talentos de cada aluno” (escola particular técnica rural); “Quando ganhei minha primeira medalha em jogos intercolégiais e primeira apresentação de teatro na Casa de Cultura de Caxias do Sul” (escola municipal).

O primeiro dia de aula, em muitos casos significando o primeiro dia nessa escola, é lembrado em 10 respostas: “”No primeiro dia de aula, estava muito ansiosa e feliz, queria ter entrado antes na escola” (escola particular da capital); “Meu primeiro dia de aula nessa escola no ano passado” (escola estadual da capital); “Quando eu comecei no pré. Sabia que eu ia aprender” (escola particular técnica rural); “O dia que eu entrei aqui nessa escola. Adoro essa escola” (escola municipal da capital); “O primeiro dia de aula porque conhecemos novas pessoas” (escola municipal do interior).

Os aspectos ligados à afetividade surgem associados a essas diversas ocasiões, mas também relacionados a amizades entre colegas e aos professores. “O dia que a professora Rosemeri voltou da licença maternidade” conta um aluno de escola particular da capital; “Foi quando eu fiz amizade com meus colegas. Eu tava brincando com eles e eles disseram que queriam ser meus amigos” (escola particular técnica rural); “O último dia da gincana deste ano. Porque descobri que tinha amigos” (escola municipal da capital); “Foi o dia em que falei com a professora Marlene de português, conversamos sobre a vida, ela me deu muitos conselhos” (escola estadual do interior, que atende meninos de rua).

Mas para quatro alunos, sendo três da mesma escola, nunca houve um dia feliz na escola: “Eu não tive ainda um dia feliz” (escola municipal do interior); “Não posso dizer que tive um dia assim, feliz” (escola particular da capital). Outros quatro não souberam responder. Aparecem poucas queixas específicas: “Quando os professores não gritam com a gente e que saibam conversar que nem gente” (escola municipal do interior).

Alguns alunos citaram aspectos ligados ao ensino e aprendizagem para se referir ao dia mais feliz: “Quintas feiras porque tem matemática, educação física e português” (escola particular da capital); “Quando iniciou a computação” (escola municipal da capital – mais dois alunos dessa escola mencionaram os computadores).

Na categoria “outros” estão incluídas respostas que citam a conquista do grêmio, a mudança para o prédio novo da escola, o início do trabalho na brinquedoteca, a mudança de escola (nesse caso o aluno refere-se à escola anterior como sendo de marginais).

10.2. Pernambuco

Nas listagens de respostas dos alunos de Pernambuco há informações sobre o sexo e idade dos alunos entrevistados. São alunos das mesmas escolas já mencionadas anteriormente, duas particulares, sendo uma na capital e outra no interior, e as demais públicas, municipais e estaduais de Recife e de municípios do interior.

Foram obtidas 63 respostas, sendo 34 de meninas e moças. As faixas de idade incluem alunos mais velhos: oito com 20 anos ou mais e apenas 25 com 14 anos ou menos.

As respostas foram classificadas em categorias semelhantes às utilizadas para a amostra do sul, com pequenas alterações. A mesma resposta pode estar classificada em mais de uma categoria.

Tabela 17

Número e Porcentual dos Aspectos Relacionados pelos Alunos/as ao Seu Dia Mais Feliz na Escola, por Escolas Particulares e Públicas, PE

Aspectos mencionados nas respostas	esc. part.		esc. públ.		totais	
	n	%	n	%	n	%
a. passar de ano, bons resultados, notas boas	8	50,0	10	17,9	18	25,0
b. 1º dia de aula, volta das férias, 1º dia na escola	4	25,0	5	8,9	9	12,5
c. festas, eventos, passeios	2	12,5	11	19,6	13	18,1
d. feira de ciências, feira cultural	1	6,3	4	7,1	5	6,9
g. aulas, trabalhos específicos, computação	–		9	16,1	9	12,5
h. amizades, professores	–		6	10,7	6	8,3
i. outros (estágio, culto, capoeira, aniversário, formatura)	–		5	8,9	5	6,9
j. todos os dias	1	6,3	2	3,6	3	4,2
k. nunca teve um dia feliz, não lembra	–		4	7,1	4	5,6
Totais (100%)	16		56		72	

Novamente, o aspecto mais citado corresponde à preocupação com os resultados escolares: aprovação no final do ano e também orgulho por avaliações positivas em algumas matérias. Esse aspecto foi mais enfatizado em Pernambuco do que no sul, especialmente pelos alunos das escolas particulares. “Quando eu passei de ano. Não sabia que ia passar. Quando tive a notícia fiquei feliz. Eu tinha certeza que não ia passar” (aluna de 15 anos de escola particular do interior); “Quando tirei nota boa no trabalho de artes. A professora elogiou bastante, dizendo que estava ótimo” (aluna de 15 anos de escola estadual da capital).

Também nesse estado, as festas, eventos e passeios foram citados, sendo este o segundo aspecto mais mencionado. “No dia de São João, porque a escola colocou o carro de som e deu uma volta na praça, achei muito bom” (aluna de 10 anos de escola particular do interior); “O dia das crianças, porque teve festa e eu ganhei presente” (menino de 12 anos de escola municipal do interior); “Foi quando houve uma excursão ao museu da cidade do Recife, ao museu do exército e conhecer os pontos turísticos de Olinda” (aluno de 20 anos de escola estadual do interior).

Uma particularidade interessante é o fato do esporte ou do evento esportivo, bastante mencionado no sul, não ter sido lembrado por nenhum aluno de Pernambuco. Por outro lado, as feiras de ciências e feira cultural não foram mencionadas no sul, surgindo em Pernambuco em cinco respostas. “O dia da feira de ciências, porque aconteceram coisas diferentes na escola, como um jogo de matemática que eu não conhecia” (aluno de 11 anos de escola estadual do interior).

O primeiro dia de aula, ou o primeiro dia na escola são bastante citados. “Foi o primeiro dia que cheguei na escola porque me senti muito bem em saber que eu ia para a escola aprender a ler” (menina de 18 anos de escola estadual do interior); “Foi o dia primeiro, porque eu conheci novos amigos” (menino de 12 anos de escola municipal do interior). Em alguns casos, a mudança para a escola atual aparece associada ao alívio em deixar para trás experiências discriminadoras: “O primeiro dia de aula, porque eu me senti muito alegre. Eu estudava em uma escola particular e não gostava, me sentia mal, os

alunos ficavam me abusando de ‘negro’” (menino de 9 anos de escola estadual da capital).

Os aspectos diretamente ligados a aprendizagem são mencionados por alunos de escolas públicas, demonstrando como a relação com o conhecimento pode estar associada à alegria: “Foi no dia em que fiz um trabalho sobre Pernambuco, na terceira série. Foi muito bom” (menino de 10 anos de escola municipal da capital); “Foi no dia da feira de ciências, em que eu apresentei um trabalho de história, porque achei que me saí muito bem para explicar às pessoas que visitavam” (aluna de 18 anos de escola municipal da capital); “Foi agora: o dia da paz na escola. A gente está fazendo um projeto falando sobre a paz” (menino de 11 anos de escola estadual da capital).

As relações humanas, a amizade de colegas, os professores benquistos foram mencionados somente pelos alunos de escolas públicas: “Foi um dia em que eu estudava na segunda série, porque teve uma festa muito boa de minha professora, que eu gosto muito” (menina de 10 anos de escola municipal rural do interior). Uma relação positiva com o professor motiva até mesmo uma mudança de atitude em relação à experiência de fracasso escolar: “Foi quando eu fui reprovado e vi aquela sensação ruim. Foi triste mas também foi feliz. Quando um professor conversou comigo eu percebi o quanto eu havia perdido, mas foi feliz porque a partir daquele momento passei a me sentir estimulado a estudar. Passei a me sentir feliz” (rapaz de 18 anos de escola municipal da capital).

Sentir-se valorizado como pessoa no ambiente escolar explica algumas das respostas classificadas em “outros”. Dois alunos descrevem situações em que se sentiram aceitos na escola: “Foi quando deixaram o grupo de capoeira que participo dar um curso aqui na escola” (moça de 18 anos de escola estadual do interior); “Foi quando eu recebi autorização da escola para realizar um culto evangélico no pátio da escola” (rapaz de 26 anos de escola municipal rural do interior).

Quatro alunos, todos de escolas públicas, dizem nunca ter tido um dia feliz na escola: “Todos os dias na escola são os mesmos. Ainda não teve esse dia ‘mais feliz’ assim não” (aluna de 14 anos de escola municipal da capital). Algumas respostas contêm críticas implícitas à escola ou aos professores: “Quando entendo o que a professora fala” (aluna de 11 anos de escola estadual do interior); “O dia em que teve todas as aulas em 2000” (aluno de 22 anos de escola estadual da capital).

De forma geral, as respostas dos alunos de Pernambuco não discrepam muito daquelas obtidas no sul. Talvez algumas práticas mais comuns em escolas de cada estado estejam refletidas nas respostas que se diferenciaram: menção a esportes no Rio Grande do Sul e a feiras de ciências em Pernambuco. Um dos aspectos comuns a esses eventos é que ambos costumam ser freqüentados por pessoas de fora da escola e ambos possibilitam que alguns alunos se sobressaíam individualmente em atividades nas quais se sentem competentes.

O destaque que merecem essas ocasiões especiais nas escolas aos olhos dos alunos de todas as idades, associadas ou não à aprendizagem de conteúdos escolares, deveria ser objeto de reflexão por parte dos educadores. Muitas vezes esses eventos são desvalorizados na programação escolar, a partir da visão de que “atrapalham” o desenvolvimento dos programas de ensino. No entanto, esses depoimentos mostram como essas atividades podem ser mobilizadoras e envolver os alunos intelectual e emocionalmente, quebrando a sensação de que “todos os dias na escola são os mesmos”.

11. O QUE OS ENTREVISTADOS SENTEM NECESSIDADE OU VONTADE DE APRENDER

Esta era a última pergunta do questionário. Foi feita a todos os segmentos de entrevistados: alunos, professores, diretores, funcionários, pais ou responsáveis e outras pessoas da comunidade.

As respostas foram analisadas com a ajuda do programa Alceste. Todas as respostas dos dois estados foram agrupadas e analisadas em um mesmo conjunto, para obter o volume de dados necessário ao tratamento estatístico previsto no programa. Como muitas respostas eram bastante curtas, foi necessário agrupar falas de mais de um sujeito no momento de entrar com os dados no formato Alceste. Esse agrupamento respeitou as características dos diversos segmentos de entrevistados e diferentes escolas.

Foram quatro as classes identificadas. Elas apresentam convergências, duas a duas: as classes 1 e 2 aproximam-se e as 3 e 4 também, em grau mais acentuado. A representação gráfica da análise fatorial coloca cada uma das classes em quadrantes distintos: a classe 1 positivamente correlacionada a unidades de texto de adultos, escolas particulares, pessoas de dentro da escola e estado do Rio Grande do Sul; a classe 3 mais próxima de unidades identificadas com pessoas de fora da escola e a classe 4 correlacionada a unidades identificadas com crianças, adolescentes e jovens, escolas públicas e estado de Pernambuco. Essas correspondências não significam que respostas de um determinado tipo só sejam encontradas em um grupo de entrevistados, mas apenas que as palavras selecionadas naquela classe apresentam correlações mais altas com aquelas características.

A classe 1 agrupa palavras e textos que apontam para uma preocupação com aprender mais sobre relações humanas, aprender a se comunicar melhor com os outros, aprender psicologia, filosofia. Algumas respostas ligam essa aspiração ao ofício de educador, revelando vontade de entender melhor os alunos, de saber motivá-los. As palavras mais significativas são: human+, relaç+, busc+, materi+, filosofia. Entre as expressões que surgem nesse conjunto estão: ser human+, relac+ human+, comportamento human+.

Alguns exemplos de trechos de respostas incluídas nessa classe reforçam essa caracterização: “Novas técnicas para chamar a atenção dos alunos. Tudo que viesse a mais seria lucro. Novos processos e técnicas pedagógicas” (professor/a de escola estadual de Porto Alegre); “Saber mais sobre comportamento humano, relações humanas” (diretor/a de escola municipal do interior do Rio Grande do Sul); “Sobre relações interpessoais e relações humanas. No momento o que me interessa é a psicologia, entender melhor meus alunos, a faixa etária e também para minha vida, de meus filhos, tudo que é novo na área, as novidades na área educacional que estão surgindo” (professor/a de escola particular de Porto Alegre); “Tudo que está ao meu redor, mas infelizmente não tenho tempo. Não paro. Aprender a lidar com o ser humano. Hoje está muito difícil lidar com o ser humano...” (professor/a de escola estadual de Recife); “Me relacionar melhor com as pessoas, relações públicas. Saber me comunicar melhor, me expressar melhor com as pessoas” (aluno/a de escola particular de Porto Alegre).

Algumas respostas incluem um desejo de entender o mundo criticamente, como por exemplo: “Aspectos relacionados ao planejamento de história e aumentar meu senso crítico me possibilitando entender mais a carreira de professor” (professor/a de escola estadual de Porto Alegre); “...entender porque a humanidade caminha desse jeito...” (professor/a de escola municipal de Porto Alegre); e “Filosofia, matéria que faz pensar, conversar sobre isso...” (aluno/a de escola particular de Porto Alegre).

A segunda classe apresenta alguns pontos em comum com a primeira: ambas parecem agrupar principalmente trechos de respostas de pessoas com nível de instrução

mais alto, boa familiaridade com as diversas áreas do conhecimento e com as possibilidades de aperfeiçoamento e especialização após o curso superior. Muitos são professores, mas também há respostas de alunos aparentemente no final da escola básica.

A classe 2 traz uma ênfase maior em cursos especializados, em conteúdos de conhecimento, enquanto a classe 1 está mais voltada para aspectos de relacionamento humano, de metodologia de ensino e de conhecimento crítico de caráter mais geral.

As palavras mais significativas na classe 2 são: educa+, mestrado, especializ+, aperfeiçoar, área+, português+. Os trechos de respostas citam muitas áreas de interesse dos entrevistados: pedagogia, bioquímica, dança, natação, história, arte, geografia, línguas, matemática, física, turismo, yoga, computação, ciência política, jornalismo, literatura, sociologia, psicologia, filosofia...

Presente nas respostas encontra-se o desejo de se aperfeiçoar, especializar, atualizar, ampliar conhecimentos. Em muitos trechos percebe-se o entrevistado refletindo sobre seus conhecimentos e seus projetos de vida. Um exemplo: “Fazer especialização em história moderna, contemporânea. Outros cursos de graduação, outras áreas. No momento estou pensando na aposentadoria, muito embora não sei se vou conseguir ficar parado, porque o estudo é uma coisa ilimitada. Talvez eu volte a ensinar. ‘A escola não é o limite de nada, nem o começo de alguma coisa, é sempre um começo, uma linha sem fim’” (professor de português, 53 anos, escola estadual do interior de Pernambuco).

Outros exemplos dessa classe são: “Aprender sobre educação, me capacitar mais. Especializar em minha área: literatura. Aprender informática” (diretora, 36 anos, escola municipal do interior de Pernambuco); “Tantas coisas: terminar meu curso, fazer pós graduação...” (professora, 48 anos, escola particular do interior de Pernambuco); “Aprofundar mais em química e diversificar o conhecimento na parte de história e arte” (professor de ciências, 34 anos, escola particular do interior de Pernambuco); “Estou prestando vestibular para jornalismo na UFPE, quero fazer especialização em língua portuguesa e pretendo escrever um livro” (professor de português, 27 anos, escola municipal do interior de Pernambuco); “Saber como passar aulas de educação sexual para jovens” (professora de biologia, 37 anos, escola municipal do interior de Pernambuco); “Um pouco mais de tudo! Não tive português na sétima e oitava, está difícil agora para o vestibular” (aluno/a de escola municipal de Porto Alegre); “Fazer mestrado em matemática” e “Atualização na área específica de matemática” (professores/as de escola estadual do interior do Rio Grande do Sul);

A classe 3 inclui trechos de respostas que falam muito em voltar a estudar ou terminar os estudos, algumas revelando que os entrevistados não completaram a escola fundamental, pois mencionam que gostariam de dominar conteúdos básicos como leitura e aritmética. Em lugar da menção a alunos, aparece mais a referência a filhos, indicando que nessa classe os pais estão mais representados. Aparecem as vozes de donas de casa que desejam retomar o estudo e o trabalho, sendo o curso de corte e costura bastante lembrado e também trechos de respostas que mostram jovens que querem voltar a estudar e diversificar seus campos de conhecimento, às vezes em muitas direções diferentes. Alguns trechos de resposta são de pessoas mais velhas, que dizem não querer mais estudar em razão de sua idade. Em alguns casos a contradição está presente na mesma resposta: a vontade de aprender e o desânimo. As palavras mais significativas são: vontade, ler, tenh+, terminar, aprend+.

Algumas frases incluídas na classe 3 são: “Gostaria de voltar a estudar” e “Gostaria de aprender a ler e escrever” (pais de escola estadual de Porto Alegre); “Eu sinto dificuldade para ensinar o meu filho, sinto vontade de terminar os estudos, pelo menos o segundo grau” (mãe, 36 anos, escola estadual de Recife); “Se eu fosse aprender era o segundo grau, mas não tenho paciência...depois que vamos trabalhar, cuidar de

filho...” (mãe, 45 anos, auxiliar de enfermagem, escola estadual de Recife); “Gostaria de aprender mais, muitas coisas... hoje gostaria de aprender computação, inglês” (mãe, dona de casa, 47 anos, escola rural de Pernambuco); “Voltar a estudar através de supletivo” (mãe, costureira, 40 anos, escola rural de Pernambuco); “Sinto vontade de aprender conta, escrever bem. Gostaria de aprender a costurar, para poder colaborar com algum dinheiro a mais para casa” (mãe, dona de casa, 48 anos, escola rural de Pernambuco); “Gostaria de ser paraquedista, piloto de avião. Atualmente tenho muito desejo de me expressar melhor, vontade de desenvolver alguma coisa pelo povo, pelo cidadão” (aluno, 26 anos, escola rural de Pernambuco); “Tenho vontade de aprender a tocar teclado, mas também saber fazer pinturas em roupas que eu acho um trabalho muito bonito” (aluna, 10 anos, escola rural de Pernambuco); “Gostei de estudar artesanato. Foi um erro ter parado de estudar. Gostaria de voltar” (pai/mãe ou responsável, escola municipal do interior do Rio Grande do Sul); “Eu fiz sessenta e três anos, acho que não tenho mais condições de estudo. Acho que o que ainda posso aprender é alguma coisa sobre trabalho” (pai biscateiro de Recife).

Como ocorreu em outras questões, na classe 4 aparece novamente o grande interesse pela informática, o qual aparentemente a escola não está satisfazendo. Aprender a dirigir é também um desejo presente em muitas respostas. As aspirações são diversas, indicando que essas são pessoas de distintas classes sociais, algumas com expectativas de profissões de nível superior e outras percebendo dificuldades até mesmo para conseguir obter qualificações de nível técnico. Chama atenção o interesse por ciências e matemática que se encontra em várias frases.

As palavras mais significativas que constam da classe 4 são: computação, fal+, inglês, espanhol, dirigir, ciência+. Eis alguns trechos de respostas selecionados nessa classe: “Dirigir, computação e culinária” (funcionário, 26 anos, escola municipal do interior de Pernambuco); “Eu tenho muitos sonhos na minha mente, mas nas minhas possibilidades não posso realizar, por exemplo queria ser um mecânico completo da Honda, ou um mecânico hidráulico completo, mas isso é só um sonho, mas não tenho possibilidade” (vigia, 36 anos, escola municipal do interior de Pernambuco); “Falar aquelas outras línguas porque eu vejo todos falando na TV e acho engraçado e bonito” e “Aprender o suficiente para ter condições de encarar o futuro e a competitividade do mercado de trabalho” (alunos/as, escola municipal do interior do Rio Grande do Sul); “Computação, gostaria de aprender espanhol e cursar faculdade de direito” e “Administração e medicina são áreas que mais chamam a minha atenção” (alunos/as de escola estadual de Porto Alegre).

Um último exemplo da classe 4 estabelece uma relação bonita entre o conhecimento da escola e a aspiração para o curso superior: “Meu maior sonho é entrar na faculdade. Quero fazer pedagogia na área de administração escolar. Porque eu acho que a escola Padre João Barbosa tem um conceito que eu não vejo em escola pública nenhuma” (mãe, professora, 32 anos, escola estadual de Recife).

Essas respostas expressam uma grande vontade de aprender, por parte de todos os tipos de entrevistados, até mesmo daqueles que também manifestam um certo desânimo sobre suas próprias condições. A variedade de coisas que as pessoas querem conhecer também impressiona: os interesses se abrem para artes, filosofia, ciências, artesanato, conhecimentos técnicos e ao mesmo tempo incluem as habilidades básicas a que muitos não tiveram acesso, como ler, escrever, contar. Muitas respostas ligam essa vontade de aprender ao desejo de contribuir para um mundo melhor, como um/a professor/a de Pernambuco disse: “...aprender a encontrar saídas...me envolver com uma campanha como essa ou criar outras”. Tais aspirações apontariam para um horizonte rico e promissor, se a escola e a sociedade soubessem dar respostas a todos esses projetos, beneficiando-se ao mesmo tempo desse grande potencial.

COMENTÁRIOS FINAIS

Os resultados da consulta mostram, em primeiro lugar, que há pensamento inteligente nas escolas. Essa afirmação parece óbvia, mas o fato é que muitas pesquisas e documentos que subsidiam políticas educacionais parecem ter uma visão diferente da base do sistema escolar, partindo do pressuposto de que as escolas são territórios despovoados de idéias e de vontades. As vozes de diretores, professores, funcionários, alunos, pais e demais pessoas das comunidades que cercam as escolas pesquisadas, nos dois estados, revelam concepções refletidas e carregadas de convicções sobre o que é uma escola de qualidade, que precisam ser ouvidas para o aperfeiçoamento da educação que efetivamente chega até a população. O fato das respostas a diferentes questões, que abordaram a qualidade sob perspectivas diversas, terem se mostrado coerentes, confirmando as tendências comuns, reforça a percepção de que essas opiniões, concepções e avaliações foram objeto de reflexão por parte dos entrevistados.

A segunda conclusão é que essas concepções não são uniformes ou consensuais. Existem diferentes maneiras de entender essa qualidade, diversos critérios de julgar a escola e distintos conhecimentos e experiências em que os entrevistados se fundamentam para expressar suas opiniões.

Nessas concepções, sobressaem vários aspectos que mostram como o ensino e a aprendizagem são processos carregados de afetividade, que ocorrem em um ambiente rico de interações humanas, que é a escola. Alunos, pais e profissionais que dizem gostar da escola dão como razões principais para isso as amizades, o coleguismo, e, ao lado disso, o gosto de aprender e o gosto de ensinar e trabalhar com alunos.

As condições básicas do funcionamento escolar aparecem associadas com as concepções de escola de qualidade com muita força: limpeza, organização, equipamentos, merenda, respeito a regras de convivência são citadas principalmente por alunos e pessoas de fora da escola, mas também pelas equipes escolares; estas, no entanto, tendem a enfatizar aspectos mais abstratos da qualidade da educação, como o desenvolvimento da cidadania, a motivação dos alunos, o tipo de conhecimento, as necessidades de formação em serviço do pessoal da escola, os anseios da comunidade.

A preocupação mais prática com o futuro, no trabalho ou “na faculdade”, surge com maior frequência entre os alunos e as pessoas de fora da escola, sendo que as equipes escolares do Rio Grande do Sul parecem relativizar mais a preparação para o curso superior do que as de Pernambuco.

O terceiro aspecto relaciona-se com a constatação de que, entre os diversos grupos de entrevistados, podem ser identificados projetos de mudança para a escola e projetos de vida pessoal nos quais a ampliação do conhecimento ocupa lugar importante. Essas aspirações, ricas em sua diversidade e alcance, significam um desafio tanto para a escola como para a sociedade. As oportunidades educacionais e as escolas reais parecem estar longe de preencher todas essas expectativas e desejos, que configuram um potencial de mudança significativo, presente em segmentos geralmente pouco ouvidos nas decisões de política educacional.

Em quarto lugar, a pesquisa constatou alguns pontos polêmicos, sobre os quais os diversos grupos consultados possuem opiniões muitas vezes conflitantes. Um deles é o sistema de avaliação e promoção adotado pelos sistemas de ensino (como adoção de conceitos, organização em ciclos), que muitas vezes provocaram comentários bastante críticos de alguns professores. Por outro lado, muitos alunos mencionaram o trauma que significa a reprovação na escola. Esse parece ser um ponto de discórdia que ainda precisará ser melhor avaliado e refletido por todos.

Um tema que não chegou a se constituir em problema nos depoimentos foi a violência, hoje bastante em destaque nos meios de comunicação. Permeando algumas respostas a questões diversas, foram registradas preocupações com a segurança, com a presença de “bagunceiros” na porta da escola e problemas semelhantes. Note-se que uma das escolas pesquisadas no Rio Grande do Sul atende crianças e adolescentes em situação de rua; mesmo ali não houve destaque para esse tema.

No entanto, vários problemas trazidos pelos entrevistados dizem respeito a questões que, indiretamente, contribuem para o surgimento de situações de violência, como ressaltam estudos realizados em escolas do Rio de Janeiro e de São Paulo (Lucinda, Nascimento e Candau, 1999 e Cardia, 1997). A decadência dos prédios escolares, as rotinas pouco interessantes, a falta de diálogo entre famílias e escola, a ausência de regras de convivência pactuadas, a discriminação, a falta de oportunidades e de espaços para a sociabilidade, são todos fatores apontados por esses estudos como estando associados a situações de violência e que foram registrados em muitas das escolas pesquisadas.

Outro aspecto importante é trazido pela experiência das pesquisas de campo realizadas nos dois estados: o contato com os entrevistadores e com o questionário da consulta despertou bastante interesse na maioria das pessoas. Alguns relatórios de campo e as avaliações registradas no final do questionário trazem registradas reações de pessoas de dentro e fora das escolas que disseram ter achado importante responder aquelas questões, expressando a opinião de que esses temas deveriam ser mais discutidos nas escolas e comunidades. Muitos disseram “nunca ter pensado nisso”, a respeito de alguns aspectos abordados no questionário.

Todos esses dados reforçam a visão de que a qualidade da educação não é algo que possa ser definido unilateralmente, de uma vez por todas, mas é um conceito construído socialmente, em tempos e espaços determinados; portanto, trata-se de algo que deve ser objeto de negociação, de reflexão coletiva, de contínua revisão, assim como é o próprio processo educativo. Nesse processo, a troca de opiniões e a consideração do conhecimento já existente sobre esse tema, tanto nas escolas como fora delas, nas famílias e comunidades, mas também nas universidades, nas equipes de supervisão das secretarias de educação, nas organizações da sociedade civil, é a condição para o aperfeiçoamento da educação numa direção mais democrática e humana, para a concretização do direito à educação de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALAGEUR, Irene; MESTRES, Juan; PENN, Helen. *Qualidade dos serviços às crianças. Documento de discussão*. Rede Européia de Acolhimento de Crianças. Comissão das Comunidades Europeias. s.l., s.d.

CAMARGO, Brígido Vizeu. ALCESTE: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: UFPB, s. t., no prelo.

CENTRO de Cultura Luiz Freire. Equipe de Educação. *Decifrando o conceito de qualidade na educação*. Olinda: CCLF, 2001 (mimeo)

CAMPOS, Maria Malta. A qualidade da educação em debate. *Cadernos do Observatório* n. 2. Rio de Janeiro: IBASE/Observatório da Cidadania, out. 2000, p. 45-70.

CARDIA, Nancy. A violência urbana e a escola. *Contemporaneidade e Educação*, n.2, Rio de Janeiro: IEC, ano II, set. 1997, p. 26-69.

BEISIEGEL, Celso de Rui. Relações entre a quantidade e a qualidade no ensino comum. *Revista da ANDE*, ano 1, n.1, 1981, p.49-56.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. *Beyond quality in early childhood education and care*. Postmodern perspectives. Londres: Falmer Press, 2000.

ENGUITA, Mariano Fernández. O discurso da qualidade e a qualidade do discurso. In: GENTILI, Pablo; SILVA, Tomás T. (orgs). *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 95-110.

GENTILI, Pablo A. A. O discurso da “qualidade” como nova retórica conservadora no campo educacional. In: GENTILI, Pablo; SILVA, Tomás T. (orgs). *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.111- 177.

IMAGE. *Alceste. Version 4.0, Windows*. Toulouse: IMAGE, 1998.

LUCINDA, M. Consolação; NASCIMENTO, M. Graças; CANDAU, Vera M. *Escola e violência*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

NOGUEIRA, Maria Alice. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. *Revista Brasileira de Educação*, n.7, jan./abril 1998, p. 42-56.

PRODEMAN, UERJ. *Escola pública: a avaliação do usuário*. Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: UERJ, 1994. (mimeo)

SALES, Luís Carlos. *O valor simbólico do prédio escolar*. Teresina: UFPI, 2000.

THURLER, Mônica G. A eficácia das escolas não se mede: ela se constrói, negocia-se, pratica-se e se vive. In: Fundação para o Desenvolvimento da Educação. *Sistemas de avaliação educacional*. São Paulo: SEE/FDE, 1998, p.175-204 (Série Idéias, n.30).

ANEXOS

CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO
CONSULTA SOBRE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

SEGMENTO:

- ☐ Pais ou Responsáveis
- ☐ Professores
- ☐ Funcionários
- ☐ Diretores
- ☐ Alunos/Alunas
- ☐ Crianças e Adolescentes fora da escola
- ☐ Jovens e Adultos que não estão estudando
- ☐ Jovens e Adultos que estudam
- ☐ Adultos Idosos

- Entrevistador _____
- Escola/Comunidade: _____
- Local (se escola, se domicílio, se outro local): _____
Data: ____/____/____
- Horário: Início: _____ Término: _____

Dados sobre a pessoa entrevistada

1. Nome do entrevistado (optativo): _____

2. Escolaridade: _____

3. . Categoria do entrevistado (assinalar qual) pai, mãe ou responsável por aluno, aluno/a, professor/a, funcionário/a, diretor/a, criança/adolescente fora da escola, jovem/adulto da comunidade, adulto/idoso da comunidade: _____

4. Sexo: ☐ masculino ☐ feminino

5. Idade: _____

6. Onde nasceu (cidade/estado/país): _____

7. Como você/o senhor/a senhora se identifica quanto à cor e descendência?

8. Religião: _____

9. Situação familiar:

a) com quem mora _____

b) tem filhos? _____ Quantos? _____ Qual a idade do menor? _____

c) escolaridade dos pais: _____

10. Ocupação:

11. O que você/o senhor/a senhora recebe por mês situa-se em qual das seguintes faixas:

3. até 1 salário mínimo
4. entre 1 e 2 salários mínimos
5. entre 2 e 5 salários mínimos
6. entre 5 e 10 salários mínimos
7. mais de 10 salários mínimos

Para alunos, crianças e adolescentes, acrescentar:

12. Você sabe informar quanto seu pai (ou mãe/responsável, se não morar com o pai) ganha por mês?

8. até 1 salário mínimo
1. entre 1 e 2 salários mínimos
2. entre 2 e 5 salários mínimos
3. entre 5 e 10 salários mínimos
4. mais de 10 salários mínimos
5. 'não sei'

13. Você/o senhor/a senhora está estudando?

6. sim
10. não

Se não:

14. Até que série você/o senhor/a senhora estudou?(considerar a última série que completou)

Se sim:

15. O que está estudando? Qual a série que está freqüentando? (se couber)

16. Até que série você/o senhor/a senhora estudou quando criança/jovem? (se couber; considerar a última série que completou)

Só para os questionários dos professores, diretores e funcionários:

17. Você/o senhor/a senhora freqüentou algum curso de pós-graduação, especialização ou formação em serviço nos últimos 3 anos? _____
Qual?

**CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO
CONSULTA SOBRE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO
QUESTIONÁRIO PARA CONSULTA NAS ESCOLAS**

I – SEGMENTO PAIS OU RESPONSÁVEIS

- Uma escola de qualidade é:

1.1. Seu filho/sua filha (ou nome próprio) gosta de ir à escola?(assinale até três itens) Código:

1. SIM _

Porque:

1. Gosta de encontrar amigos e colegas
2. Gosta dos professores
3. Gosta de brincar e jogar na quadra
4. Gosta de estudar e aprender
5. Quer conseguir o diploma
6. Gosta da merenda
7. É um lugar bonito e bem equipado
8. OUTRA:

2. NÃO _ ; Mais ou Menos _

Porque:

1. Não se dá bem com os colegas
2. Os professores não ensinam bem
3. Os professores não tratam bem os alunos
4. Sente-se discriminado/a
5. Não gosta de estudar
6. Repetiu o ano
7. Falta merenda/ a merenda não é boa
8. É um lugar feio e mal equipado
9. Não proporciona momentos de lazer e recreação
10. OUTRA:

1.2. Você/o senhor/a senhora acha que uma boa escola é aquela que:	importante 1	+ ou – importante 2	pouco importante 3	Não sabe 4	Código
1. É perto de casa					
2. Funciona em prédio limpo e bem cuidado					
3. A merenda é boa e nunca falta					
4. Possui biblioteca, laboratórios e computadores					
5. Oferece atividades de esporte e arte					
6. Oferece atividades fora do horário de aulas					
7. Exige disciplina					
8. Exige bom aproveitamento para aprovar os alunos					
9. Paga bem professores e funcionários					
10. Propicia a formação em serviço de professores e funcionários					
11. Favorece o trabalho em equipe dos profissionais da escola					
12. Não superlota as salas de aula					
13. Valoriza a participação das famílias					
14. Os alunos e as alunas aprendem e sentem vontade de aprender mais					
15. Estimula a cooperação entre alunos					
16. Dá espaço para que alunos organizem suas próprias atividades (grêmios, campeonatos esportivos, jornais escolares, festas e atividades culturais, etc).					
17. Todos os alunos e alunas são bem tratados e sentem-se felizes, não importando sua cor ou condição social.					
18. Reconhece a realidade do estudante que trabalha					
19. Contempla a diversidade cultural					
20. Prepara alunos e alunas para o mundo do trabalho					
21. Prepara alunos e alunas para exercer sua cidadania					
22. Prepara alunos e alunas para cursar uma faculdade					
23. Possui um bom projeto pedagógico					
24. OUTRA:					

1.3. Na sua opinião, dos itens acima, quais são os 3 itens mais importantes? (se necessário, mostrar ou ler de novo os itens para o entrevistado)

1.4. Que tipo de envolvimento você/o senhor/a senhora gostaria de ter com a escola de seu filho/sua filha?

1.5. Como seria a escola de seus sonhos?

1.6. Como você/o senhor/a senhora avalia a experiência de responder a essa entrevista?

1.7. O que você/o senhor/a senhora sente necessidade e/ou vontade de aprender?

OBSERVAÇÕES:

**CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO
CONSULTA SOBRE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO
QUESTIONÁRIO PARA CONSULTA NAS ESCOLAS**

II – SEGMENTO PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS

• Uma escola de qualidade é:

2.1. Você/o senhor/a senhora gosta de trabalhar nesta escola?	Código
1. SIM Porque: 1. Gosta de ensinar/lidar com os alunos 2. Tem um bom relacionamento com alunos e alunas 3. Tem um bom relacionamento com os colegas de trabalho 4. Tem um bom relacionamento com a direção 5. A escola oferece boas condições de trabalho 6. A escola valoriza o seu trabalho e contribui para o seu desenvolvimento profissional 7. A escola tem um projeto pedagógico interessante 8. A escola propicia a participação das famílias e da comunidade 9. A escola desenvolve a cidadania 10. A escola contempla a diversidade cultural e combate a discriminação 11. OUTRA:	
2. NÃO; MAIS OU MENOS Porque: 1. Não gosta de ensinar/lidar com os alunos 2. Os alunos não demonstram interesse nas matérias e não respeitam professores e funcionários 3. O relacionamento entre os colegas de trabalho é ruim 4. O relacionamento com a direção é ruim 5. A escola não oferece boas condições de trabalho 6. A escola paga mal seus professores e funcionários 7. A escola não valoriza o seu trabalho e não contribui para o seu desenvolvimento profissional 8. O projeto pedagógico da escola é pouco interessante ou não existe 9. Muitos alunos e alunas são discriminados 10. A escola dificulta a participação das famílias e da comunidade 11. A escola não desenvolve a cidadania 12. A escola não contempla a diversidade cultural 13. OUTRA:	

2.2. Você/o senhor/a senhora acha que uma boa escola é aquela que:	importante 1	+ ou – importante 2	pouco importante 3	não sabe 4	Código
1. . Situa-se próxima à moradia dos alunos					
2. Funciona em prédio limpo e bem cuidado					
3. A merenda é boa e nunca falta					
4. Possui biblioteca, laboratórios e computadores					
5. Oferece atividades de esporte e arte					
6. Oferece atividades fora do horário de aulas					
7. Exige disciplina					
8. Exige bom aproveitamento para aprovar os alunos					
9. Paga bem professores e funcionários					
10. Propicia a formação em serviço de professores e funcionários					
11. Favorece o trabalho em equipe dos profissionais da escola					
12. Não superlota as salas de aula					
13. Valoriza a participação das famílias					
14. Os alunos e as alunas aprendem e sentem vontade de aprender mais					
15. Estimula a cooperação entre alunos					
16. Dá espaço para que alunos organizem suas próprias atividades (grêmios, campeonatos esportivos, jornais escolares, festas e atividades culturais, etc).					
17. Todos os alunos e alunas são bem tratados e sentem-se felizes, não importando sua cor ou condição social.					
18. Reconhece a realidade do estudante que trabalha					
19. Contempla a diversidade cultural					
20. Prepara alunos e alunas para o mundo do trabalho					
21. Prepara alunos e alunas para exercer sua cidadania					
22. Prepara alunos e alunas para cursar uma faculdade					
23. Possui um bom projeto pedagógico					
24. OUTRA:					

2.3. Na sua opinião, quais são os 3 itens mais importantes? (se necessário, mostrar ou ler de novo os itens para o entrevistado)

2.4. No que a escola teria de mudar para seu trabalho se tornar mais satisfatório?

2.5. Como seria a escola de seus sonhos?

2.6. Como você/o senhor/a senhora avalia a experiência de responder a esta entrevista?

2.7. O que você /o senhor/a senhora sente necessidade e/ou vontade de aprender?

OBSERVAÇÕES:

CONSULTA SOBRE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO PARA CONSULTA NAS ESCOLAS

III – SEGMENTO DIRETORES

- Uma escola de qualidade é:

3.1. Você/o senhor/a senhora gosta de trabalhar nesta escola? (assinale até três itens) Código

1. SIM _

Porque:

1. Gosta de trabalhar em escola
2. Tem um bom relacionamento com alunos e alunas
3. Tem um bom relacionamento com professores e funcionários
4. A escola oferece um bom salário
5. 6. A escola oferece boas condições de trabalho
6. A escola valoriza o seu trabalho e contribui para o seu desenvolvimento profissional
7. A escola tem um projeto pedagógico interessante
8. Há participação das famílias e da comunidade
9. A escola desenvolve a cidadania
10. A escola contempla a diversidade cultural e combate a discriminação
11. OUTRA:

2. NÃO _ ; Mais ou Menos _

Porque:

1. Não gosta de trabalhar em escola
2. Os alunos não demonstram interesse nas matérias e não respeitam professores e funcionários
3. Os professores e funcionários não colaboram
4. A escola não oferece um bom salário
5. A escola não oferece boas condições de trabalho
6. A escola não valoriza o seu trabalho e não contribui para o seu desenvolvimento profissional
7. O projeto pedagógico da escola é pouco interessante ou não existe
8. Muitos alunos e alunas são discriminados
9. As famílias e a comunidade não colaboram com a escola
10. A cidadania não é desenvolvida na escola
11. Não existe respeito pela diversidade cultural
12. OUTRA:

3.2. Você/o senhor/a senhora acha que uma boa escola é aquela que:	importante 1	+ ou – importante 2	pouco importante 3	não sabe 4	Código
1. . Situa-se próxima à moradia dos alunos					
2. Funciona em prédio limpo e bem cuidado					
3. A merenda é boa e nunca falta					
4. Possui biblioteca, laboratórios e computadores					
5. Oferece atividades de esporte e arte					
6. Oferece atividades fora do horário de aulas					
7. Exige disciplina					
8. Exige bom aproveitamento para aprovar os alunos					
9. Paga bem professores e funcionários					
10. Propicia a formação em serviço de professores e funcionários					
11. Favorece o trabalho em equipe dos profissionais da escola					
12. Não superlota as salas de aula					
13. Valoriza a participação das famílias					
14. Os alunos e as alunas aprendem e sentem vontade de aprender mais					
15. Estimula a cooperação entre alunos					
16. Dá espaço para que alunos organizem suas próprias atividades (grêmios, campeonatos esportivos, jornais escolares, festas e atividades culturais, etc).					
17. Todos os alunos e alunas são bem tratados e sentem-se felizes, não importando sua cor ou condição social.					
18. Reconhece a realidade do estudante que trabalha					
19. Contempla a diversidade cultural					
20. Prepara alunos e alunas para o mundo do trabalho					
21. Prepara alunos e alunas para exercer sua cidadania					
22. Prepara alunos e alunas para cursar uma faculdade					
23. Possui um bom projeto pedagógico					
24. OUTRA:					

3.3. Na sua opinião, dos itens acima, quais são os 3 itens mais importantes? (se necessário, mostrar ou ler de novo os itens para o entrevistado)

3.4. No que a escola teria de mudar para seu trabalho se tornar mais satisfatório?

3.5. Como seria a escola de seus sonhos?

3.6. Como você/o senhor/a senhora avalia a experiência de responder a esta entrevista?

3.7. O que você /o senhor/a senhora sente necessidade e/ou vontade de aprender?

OBSERVAÇÕES:

**CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO
CONSULTA SOBRE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO
QUESTIONÁRIO PARA CONSULTA NAS ESCOLAS**

IV – SEGMENTO ALUNOS E ALUNAS

9. Uma escola de qualidade é:

4.1. Você gosta de ir para a escola? (assinale até três itens)	Código:
1. SIM _ Porque: 1. Gosta de encontrar amigos e colegas 2. Gosta de brincar/jogar no recreio 3. Gosta da merenda 4. Gosta dos professores 5. Gosta de aprender 6. Os professores ensinam bem 7. Participa do grêmio estudantil 8. O prédio é bonito e bem equipado 9. OUTRA:	
2. NÃO _ ; Mais ou Menos _ Porque: 1. Não se dá bem com os colegas 2. Não proporciona momentos de lazer e recreação 3. Falta merenda/a merenda não é boa 4. Os professores não tratam bem os alunos 5. Não gosta de estudar 6. Repetiu o ano 7. Os professores não ensinam bem 8. Sente-se discriminado/a 9. É um lugar feio e mal equipado 10. OUTRA:	

4.2. Você acha que uma boa escola é aquela que:	importante 1	+ ou – importante 2	pouco importante 3	não sabe 4	Código
1. É perto de casa					
2. Funciona em prédio limpo e bem cuidado					
3. A merenda é boa e nunca falta					
4. Possui biblioteca, laboratórios e computadores					
5. Oferece atividades de esporte e arte					
6. Oferece atividades fora do horário de aulas					
7. Exige disciplina					
8. Exige bom aproveitamento para aprovar os alunos					
9. Paga bem professores e funcionários					
10. Propicia a formação em serviço de professores e funcionários					
11. Favorece o trabalho em equipe dos profissionais da escola					
12. Não superlota as salas de aula					
13. Valoriza a participação das famílias					
14. Os alunos e as alunas aprendem e sentem vontade de aprender mais					
15. Estimula a cooperação entre alunos					
16. Dá espaço para que alunos organizem suas próprias atividades (grêmios, campeonatos esportivos, jornais escolares, festas e atividades culturais, etc).					
17. Todos os alunos e alunas são bem tratados e sentem-se felizes, não importando sua cor ou condição social.					
18. Reconhece a realidade do estudante que trabalha					
19. Contempla a diversidade cultural					
20. Prepara alunos e alunas para o mundo do trabalho					
21. Prepara alunos e alunas para exercer sua cidadania					
22. Prepara alunos e alunas para cursar uma faculdade					
23. Possui um bom projeto pedagógico					
24. OUTRA:					

4.3. Na sua opinião, dos itens acima, quais são os 3 itens mais importantes? (se necessário, mostrar ou ler de novo os itens para o entrevistado)

4.4. Qual foi o seu dia mais feliz na escola ?

4.5. Como seria a escola de seus sonhos?

4.6. Como você avalia a experiência de responder a essa entrevista?

4.7. O que você sente necessidade e/ou vontade de aprender?

OBSERVAÇÕES:

**CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO
CONSULTA SOBRE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO
QUESTIONÁRIO PARA CONSULTA NA COMUNIDADE**

V- SEGMENTO CRIANÇAS E ADOLESCENTES FORA DA ESCOLA

- Uma escola de qualidade é:

5.1. Por que você parou de estudar? Por que você nunca foi à escola?

5.2. O que precisaria acontecer para você ir/voltar para a escola?

5.3. Você acha que uma boa escola é aquela que:	importante 1	+ ou – importante 2	pouco importante 3	não sabe 4	Código
1. Situa-se próxima à moradia dos alunos					
2. Funciona em prédio limpo e bem cuidado					
3. A merenda é boa e nunca falta					
4. Possui biblioteca, laboratórios e computadores					
5. Oferece atividades de esporte e arte					
6. Oferece atividades fora do horário de aulas					
7. Exige disciplina					
8. Exige bom aproveitamento para aprovar os alunos					
9. Paga bem professores e funcionários					
10. Propicia a formação em serviço de professores e funcionários					
11. Favorece o trabalho em equipe dos profissionais da escola					
12. Não superlota as salas de aula					
13. Valoriza a participação das famílias					
14. Os alunos e as alunas aprendem e sentem vontade de aprender mais					
15. Estimula a cooperação entre alunos					
16. Dá espaço para que alunos organizem suas próprias atividades (grêmios, campeonatos esportivos, jornais escolares, festas e atividades culturais, etc).					
17. Todos os alunos e alunas são bem tratados e sentem-se felizes, não importando sua cor ou condição social.					
18. Reconhece a realidade do estudante que trabalha					
19. Contempla a diversidade cultural					
20. Prepara alunos e alunas para o mundo do trabalho					
21. Prepara alunos e alunas para exercer sua cidadania					
22. Prepara alunos e alunas para cursar uma faculdade					
23. Possui um bom projeto pedagógico					
24. OUTRA:					

5.4. Na sua opinião, dos itens acima, quais são os 3 itens mais importantes? (se necessário, mostrar ou ler de novo os itens para o entrevistado)

5.5. Como seria a escola de seus sonhos?

5.6. Como você avalia a experiência de responder a essa entrevista?

5.7. O que você sente necessidade e/ou vontade de aprender?

OBSERVAÇÕES:

**CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO
CONSULTA SOBRE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO
QUESTIONÁRIO PARA CONSULTA NA COMUNIDADE**

VI – SEGMENTO JOVENS E ADULTOS QUE NÃO ESTÃO ESTUDANDO

- **Uma escola de qualidade é:**

6.1. Por que você parou de estudar?/ Por que você nunca foi à escola?

6.2. Você/o senhor/a senhora pretende voltar a estudar?

SIM

Por que?

NÃO

Por que?

Não sei, depende

6.3. Você/o senhor/a senhora acha que uma boa escola é aquela que:	importante 1	+ ou – importante 2	pouco importante 3	não sabe 4	Código
1. Situa-se próxima à moradia dos alunos					
2. Funciona em prédio limpo e bem cuidado					
3. A merenda é boa e nunca falta					
4. Possui biblioteca, laboratórios e computadores					
5. Oferece atividades de esporte e arte					
6. Oferece atividades fora do horário de aulas					
7. Exige disciplina					
8. Exige bom aproveitamento para aprovar os alunos					
9. Paga bem professores e funcionários					
10. Propicia a formação em serviço de professores e funcionários					
11. Favorece o trabalho em equipe dos profissionais da escola					
12. Não superlota as salas de aula					
13. Valoriza a participação das famílias					
14. Os alunos e as alunas aprendem e sentem vontade de aprender mais					
15. Estimula a cooperação entre alunos					
16. Dá espaço para que alunos organizem suas próprias atividades (grêmios, campeonatos esportivos, jornais escolares, festas e atividades culturais, etc).					
17. Todos os alunos e alunas são bem tratados e sentem-se felizes, não importando sua cor ou condição social.					
18. Reconhece a realidade do estudante que trabalha					
19. Contempla a diversidade cultural					
20. Prepara alunos e alunas para o mundo do trabalho					
21. Prepara alunos e alunas para exercer sua cidadania					
22. Prepara alunos e alunas para cursar uma faculdade					
23. Possui um bom projeto pedagógico					
24. OUTRA:					

6.4. Na sua opinião, dos itens acima, quais são os 3 itens mais importantes? (se necessário, mostrar ou ler de novo os itens para o entrevistado)

6.5. Como seria a escola de seus sonhos?

6.6. Como você/o senhor/a senhora avalia a experiência de responder a essa entrevista?

6.7. O que você/o senhor/a senhora sente necessidade e/ou vontade de aprender?

OBSERVAÇÕES:

**CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO
CONSULTA SOBRE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO
QUESTIONÁRIO PARA CONSULTA NA COMUNIDADE**

VII – SEGMENTO JOVENS E ADULTOS QUE ESTUDAM

- Uma escola de qualidade é:

7.1. Por que você/o senhor/a senhora voltou a estudar?

7.2. Você/o senhor/a senhora acha que uma boa escola é aquela que:	importante 1	+ ou – importante 2	pouco importante 3	não sabe 4	Código
1. Situa-se próxima à moradia dos alunos					
2. Funciona em prédio limpo e bem cuidado					
3. A merenda é boa e nunca falta					
4. Possui biblioteca, laboratórios e computadores					
5. Oferece atividades de esporte e arte					
6. Oferece atividades fora do horário de aulas					
7. Exige disciplina					
8. Exige bom aproveitamento para aprovar os alunos					
9. Paga bem professores e funcionários					
10. Propicia a formação em serviço de professores e funcionários					
11. Favorece o trabalho em equipe dos profissionais da escola					
12. Não superlota as salas de aula					
13. Valoriza a participação das famílias					
14. Os alunos e as alunas aprendem e sentem vontade de aprender mais					
15. Estimula a cooperação entre alunos					
16. Dá espaço para que alunos organizem suas próprias atividades (grêmios, campeonatos esportivos, jornais escolares, festas e atividades culturais, etc).					
17. Todos os alunos e alunas são bem tratados e sentem-se felizes, não importando sua cor ou condição social.					
18. Reconhece a realidade do estudante que trabalha					
19. Contempla a diversidade cultural					
20. Prepara alunos e alunas para o mundo do trabalho					
21. Prepara alunos e alunas para exercer sua cidadania					
22. Prepara alunos e alunas para cursar uma faculdade					
23. Possui um bom projeto pedagógico					
24. OUTRA:					

7.3. Na sua opinião, dos itens acima, quais são os 3 itens mais importantes? (se necessário, mostrar ou ler de novo os itens para o entrevistado)

7.4. Como seria a escola de seus sonhos?

7.5. Como você/o senhor/a senhora avalia a experiência de responder a essa entrevista?

7.6. O que você/o senhor/a senhora sente necessidade e/ou vontade de aprender?

OBSERVAÇÕES:

**CAMPANHA NACIONAL PELO DIREITO À EDUCAÇÃO
CONSULTA SOBRE QUALIDADE DA EDUCAÇÃO
QUESTIONÁRIO PARA CONSULTA NA COMUNIDADE**

VIII – SEGMENTO ADULTOS/IDOSOS

- **Uma escola de qualidade é:**

8.1. Por que o/a senhor/a parou de estudar?/ Por que o/a senhor/a nunca foi à escola?

8.2. Você/o senhor/a senhora pretende voltar a estudar?

SIM
Por que?

NÃO
Por que?

Não sei, depende

8.3. Você/o senhor/a senhora acha que uma boa escola é aquela que:	importante 1	+ ou – importante 2	pouco importante 3	não sabe 4	Código
1. Situa-se próxima à moradia dos alunos					
2. Funciona em prédio limpo e bem cuidado					
3. A merenda é boa e nunca falta					
4. Possui biblioteca, laboratórios e computadores					
5. Oferece atividades de esporte e arte					
6. Oferece atividades fora do horário de aulas					
7. Exige disciplina					
8. Exige bom aproveitamento para aprovar os alunos					
9. Paga bem professores e funcionários					
10. Propicia a formação em serviço de professores e funcionários					
11. Favorece o trabalho em equipe dos profissionais da escola					
12. Não superlota as salas de aula					
13. Valoriza a participação das famílias					
14. Os alunos e as alunas aprendem e sentem vontade de aprender mais					
15. Estimula a cooperação entre alunos					
16. Dá espaço para que alunos organizem suas próprias atividades (grêmios, campeonatos esportivos, jornais escolares, festas e atividades culturais, etc).					
17. Todos os alunos e alunas são bem tratados e sentem-se felizes, não importando sua cor ou condição social.					
18. Reconhece a realidade do estudante que trabalha					
19. Contempla a diversidade cultural					
20. Prepara alunos e alunas para o mundo do trabalho					
21. Prepara alunos e alunas para exercer sua cidadania					
22. Prepara alunos e alunas para cursar uma faculdade					
23. Possui um bom projeto pedagógico					
24. OUTRA:					

8.4. Na sua opinião, dos itens acima, quais são os 3 itens mais importantes? (se necessário, mostrar ou ler de novo os itens para o entrevistado)

8.5. Como seria a escola de seus sonhos?

8.6. Como você/o senhor/a senhora avalia a experiência de responder a essa entrevista?

8.7. O que você/o senhor/a senhora você sente necessidade e/ou vontade de aprender?

OBSERVAÇÕES: